

Conselho Diretor Nacional
Cláudia Aparecida e Eduardo F.Firmiano
Deise e Raimundo Fonseca da Silva
Maria Lúcia e Waldir Leandro de Paula
Rosana e Rubens de Oliveira Carvalho
Vilma e Roseneo Olizete Jorge

Editoria e Redação
Arlete e João Borges
Marisa e Galdino Ulysses
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Marly e Jose Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Raquel e Ronaldo
Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos
Arte e diagramação Anderson Nogueira
amarartesvisuais@gmail.com
e João Borges
Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO		
É preciso procurar ajuda profissional?	Rosely Sayão	31
Reflexos da desigualdade educacional na sociedade	Maria Alice Setúbal	55
FILOSOFIA		
O amor nos toca a alma	Jorge Leão	41
O que a memória ama fica eterno	Desconhecido	45
MEIO AMBIENTE		
Consumo consciente	Desconhecido	26
POLÍTICA		
Um novo congresso	Ana Moser e outros	61
A violência que oprime	Tiago Fernandes	13
RELACIONAMENTO		
Agravantes e atenuantes da imbecilidade	Francisco Daudt	15
O prazer de partilhar	Deonira L. Viganó La Rosa	43
Os nós e os laços	Pe.Zezinho	47
RELIGIÃO		
A espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin	Ursula King	5
Entre homens e peixes	Pe.Dalton B.Almeida	33
Espere lutando	Coord.de G.Valadares-MG	37
Ser Igreja	Ronaldo Carnevale	57
Superar a violência á também, construir o Reino	Coord. MG	3
Programa Nacional de Formação à Distância	Coord. MG	48
SOCIEDADE		
A grande cooperativa do mal	João Borges Filho	9
Cidadania reflexiva-3	Eq. F&R	21
Consumismos, modismos-consequências e superações	José Frco. M. Brito	23
Precisamos falar sobre armas	Ilona S. de Carvalho	53
Deliberada banalização da vida	Oscar Vilhena Vieira	63
Os que merecem morrer	Daniela Arbex	65
TECNOLOGIA		
"Inteligência" de "smart cities" precisa se distribuir entre seus cidadãos	Ronaldo Lemos	39
A internet é onipotente como Deus e promete maravilhas como o Diabo	CristovãoTezza	11
TEOLOGIA		
A reforma constante e necessária	Maria Clara Bingemer	58
Carta aos teólogos	Mário A. Betiato	17

SUPERAR A VIOLÊNCIA É TAMBÉM CONSTRUIR O REINO

Há poucas semanas, celebramos a maior festa do Cristianismo, a ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Ainda nesse espírito de alegria e também embalados pela reflexão feita ao longo da Campanha da Fraternidade, lembramos da necessidade urgente de superação da violência.

Invariavelmente as notícias de todos os dias insistem em destacar os horrores atuais da sociedade brasileira, marcada por práticas de injustiça contra a fração menos favorecida da população e também contra aqueles que a defendem. Muitos cristãos sentem-se desorientados diante de um cenário de sofrimento exibido como se fossem normais.

São desabrigados pelas chuvas e deslizamentos, doentes não atendidos em hospitais, escolas sem recursos para sua manutenção decente e tantos outros. Todas essas são formas de violência que precisam ser vencidas, a menos que estejamos tranquilos apesar de tudo.

Nunca é demais repetir que a atitude cristã requer comprometimento com a construção do Reino que Jesus nos veio anunciar. Na ora-

ção que rezamos durante o período da quaresma, dizíamos: “Derrama sobre nós o Espírito Santo, para que, com o coração convertido, acolhamos o projeto de Jesus e sejamos construtores de uma sociedade justa e sem violência, para que, no mundo inteiro, cresça o vosso Reino de liberdade, de verdade e de paz”.

Na expectativa da chegada de Pentecostes, quando nascia formalmente a Igreja pela ação do Espírito Santo, podemos buscar inspiração no trabalho missionário dos apóstolos, motivados pela tarefa de todos os cristãos: a evangelização, ou seja, o anúncio e a vivência da Boa-Nova! É exatamente por meio dessa prática do Evangelho que acontece a construção do Reino de Deus. Leigos e leigas estão, neste Ano Nacional do Laicato, sendo especialmente convocados a ouvir com atenção o chamado do Senhor: “Vocês são a luz do mundo (...) que a luz de vocês brilhe diante dos homens, para que eles vejam as boas obras que vocês fazem e louvem o Pai de vocês que está no céu (Mt 5,16)

*Equipe de Coordenação do MFC
de Minas Gerais – 2016/2019*





A ESPIRITUALIDADE NA VISÃO DE TEILHARD DE CHARDIN

Ursula King*

Por que a espiritualidade é importante? O termo “espiritualidade” encontra-se muito em voga hoje em dia, embora nem sempre se saiba ao certo o que as pessoas entendem por isso. É utilizado tanto nos meios religiosos como no contexto secular, assim como em debates sobre a educação religiosa nas escolas, entre teólogos não-ocidentais, feministas, ecologistas e ativistas da paz, em debates públicos e políticos e entre pessoas de diferentes denominações religiosas, ou mesmo entre aquelas que não se filiam a nenhum grupo ou movimento religioso.

Não se trata de um termo novo, como alguns podem acreditar, pois tem um longo histórico na vida e na teologia cristãs. A moderna espiritualidade cristã mantém-se em linha de continuidade com o passado, embora também venha enfrentan-

do certas vicissitudes fundamentais desde o advento da modernidade. Há quem afirme que “a vida espiritual tem sua própria história, que admite diferenciações epocais”, e que existem certas “características religiosas que distinguem a vida espiritual da Idade Moderna da de períodos anteriores”.

De todas as culturas históricas, a da modernidade talvez seja a mais uni dimensional e a menos aberta à transcendência. Comparada com a Idade Média cristã, a modernidade.

Inicialmente, acarretou uma perda. A vida espiritual, antes tão central para o conjunto da cultura e tão amplamente aceita, assumiu uma posição cada vez mais marginal na sociedade como um todo. Assim, a espiritualidade moderna se transformou em um modo extremamente privado de expressão religiosa. Assis-

de espiritualidade pessoal e mística, que se desenvolvem de maneira relativamente independente, sem provocar impacto no conjunto da sociedade. A esfera pública da política e da economia é marcada mais pela ausência de espiritualidade do que por sua presença. No entanto, em forte contraste com essa ausência, também há muitos sinais de fome e de sede das “coisas do espírito”, que muitas vezes se manifestam de muitas e diferentes maneiras.

Hoje, nossa abordagem do ser humano é basicamente pragmática. Contudo, tal abordagem nega a necessidade de autotranscendência, de uma consciência mais profunda, mais reflexiva e contemplativa, da descoberta e exploração de uma dimensão espiritual que o humanismo cristão concebe como parte integrante de todos os seres humanos. Em que medida nosso etos cultural e nossa educação são capazes de nos transformar em seres humanos? Em que medida somos subhumanizados ou desumanizados pela moderna sociedade, em vez de sermos encorajados a desenvolver plenamente nosso potencial humano? Essa é uma das perguntas que suscitavam o mais vivo interesse de Teilhard.

Em épocas anteriores, quando os ideais religiosos cristãos ainda permeavam a totalidade da cultura, o ser humano era fundamentalmente concebido em relação ao Divino, a Deus. A abordagem científica predominante hoje em dia tende a relacionar o ser humano basicamente ao mundo da animalidade e à vida da biosfera. Ambas as abordagens – a

do mundo de nosso meio ambiente natural e a de Deus – precisam ser combinadas e articuladas de uma maneira inovadora e culturalmente transformadora e criativa. De que maneira podemos desenvolver uma espiritualidade integral, afirmadora do mundo e transformadora da cultura? Talvez sejam essas as questões e as problemáticas suscitadas pela modernidade, e é bem provável que as possibilidades de resposta se abram a partir das novas perspectivas pós-modernas, na medida em que nos propiciam oportunidades de desenvolver uma espiritualidade realmente holística e transformadora

A espiritualidade contemporânea encontra-se em uma encruzilhada. Não é apenas a espiritualidade cristã que está sendo questionada. A difusão e a presença das religiões orientais no Ocidente, o crescimento de novos movimentos religiosos, o desenvolvimento de humanismos ateus e agnósticos, todos esses fenômenos têm contribuído para o questionamento das espiritualidades tradicionais. Para operar uma nova guinada religiosa e uma autêntica transformação tanto da consciência individual como da coletiva, não basta voltar ao passado e retomar os ideais e as práticas espirituais de antigamente. O crescente processo de globalização afeta o intercâmbio de ideais religiosos, como qualquer outro tipo de troca, tomando-nos conscientes de que a humanidade possui uma herança religiosa e espiritual cujas riquezas são indispensáveis à criação de uma consciência religiosa global extremamente necessária.

Será que a ascensão de tal consciência acarretará um novo desabrochar de espiritualidade em uma era de pós-modernidade? Eis uma questão difícil de responder, sobre a qual só se pode tecer especulações. No entanto, gostaria de argumentar afirmativamente.

Existem inúmeros sinais de um crescente interesse pela espiritualidade, não somente no nível da prática, no crescimento dos centros de retiro, no número cada vez maior de diretores e de escritos espirituais, mas também no nível teórico de debate crítico e de nova compreensão desse fenômeno. A espiritualidade tomou-se agora uma disciplina acadêmica, sobretudo nos Estados Unidos, onde um número cada vez maior de cursos universitários em torno dessa especialização surgiu nos últimos dez anos ou mais, paralelamente ao desenvolvimento da Academic Society for the Study of Christian Spirituality. Mas a espiritualidade também pode ser estudada na Inglaterra. Existe um mestrado sobre espiritualidade cristã no Heythrop College, da University of London, enquanto a University of Wales, em Lampeter, deu início a um novo mestrado sobre Espiritualidade Comparada, abrangendo o estudo das tradições espirituais da China, da Índia, do Oriente Médio e do Ocidente cristão. O periódico jesuítico *The Way Supplement* dedicou seu número 1995 ao “Ensino da Espiritualidade”, ao mesmo tempo que questionava se a espiritualidade pode ser não apenas estudada, mas também ensinada.

A iniciativa acadêmica mais notável nesse campo talvez seja representada pelos 25 volumes da coletânea intercultural *World Spirituality* [Espiritualidade mundial], em que cada número aborda determinado universo religioso. Seu editor-geral, Ewert Cousins, afirma no prefácio da coletânea que essa publicação está forjando uma nova disciplina no campo da religião – a espiritualidade – que tem seu enfoque central, suas categorias e conceitos, bem como uma metodologia toda própria. Segundo Cousins: a transmissão da sabedoria espiritual talvez seja a disciplina mais antiga da história humana. Essa antiga disciplina, no entanto, precisa se harmonizar com os estudos acadêmicos, ao mesmo tempo que se deve integrar a outras disciplinas, tais como a psicologia, a sociologia e a pesquisa histórico-crítica. O desafio desta coletânea, portanto, é desenvolver os métodos acadêmicos, as habilidades e os instrumentos apropriados para esse corpus da sabedoria.

A coletânea enfrenta ainda um segundo desafio: tratar essa disciplina em um contexto global. Devemos dizer que está emergindo uma nova disciplina: a espiritualidade global. Tal disciplina estudaria a espiritualidade não meramente em determinada tradição ou época, mas em um amplo contexto geográfico e histórico, levando em conta esse vasto acervo de dados, não de forma isolada, mas inter-relacionada. Nesse sentido, o que a presente coletânea procura não é simplesmente restabelecer uma antiga disciplina

nos moldes acadêmicos atuais, mas configurá-la em um contexto global.

Essa citação ressalta a importância da espiritualidade como tema de estudo e de pesquisa nos círculos acadêmicos contemporâneos. Em Oxford, é sobretudo o Alister Hardy Research Center, agora no Westminster College, que tem feito consideráveis esforços ao longo desses anos para estudar a experiência espiritual na sociedade moderna. Mas os debates sobre a espiritualidade na Inglaterra foram estimulados antes de tudo pelas exigências do Education Reform Act de 1988. Segundo determinação expressa dessa legislação, as escolas do Estado devem promover não apenas o desenvolvimento intelectual da criança, mas também o espiritual e o moral em todo o currículo escolar. Essa é uma questão de grande importância, não apenas para a Inglaterra, mas também para os outros sistemas educacionais, tanto na América do Norte, na África do Sul como em qualquer outro lugar.

Mas como se implementará essa medida? Que critérios deveriam ser

aplicados? Tais questões têm sido debatidas pelos idealizadores da iniciativa e pelos professores. Nessa área, a liderança talvez caiba ao Projeto Templeton, do Movimento de Educação Cristã, iniciativa lançada em 1995 para fomentar o desenvolvimento espiritual no contexto educacional secular da sala de aula. Matérias curriculares adequadas vêm sendo desenvolvidas, dispensando-se atenção ao treinamento de professores. Esse exemplo mostra a importância da reflexão sobre a natureza e o significado da espiritualidade.

Mas, afinal, o que se deve entender por espiritualidade?

(continua na próxima edição)

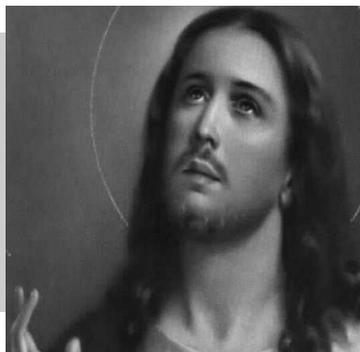
Ursula King é Professora e Chefa do Departamento de Teologia Religiosa da Universidade de Bristol, Inglaterra, além de fundadora do Teilhard Centre, sediado em Londres.

Transcrito do site: Ciberteologia

N.E. – Trecho da obra “Cristo em todas as coisas, a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin”. São Paulo. Paulinas, 2002.

A ciência sozinha não pode descobrir Cristo. Mas Cristo satisfaz os ganhos que nascem em nossos corações na escola de ciência... A ciência, com toda a probabilidade, será cada vez mais impregnada pelo misticismo.

Teilhard de Chardin





João Borges Filho,

O escritor israelense Yuval Noah Harari, em seu best-seller *Homo Deus – Uma breve história do amanhã* (Ed. Cia das Letras, São Paulo, 2016), faz uma abordagem interessante sobre a crucial importância da cooperação em larga escala. Citando exemplos como o Império Romano e a Revolução Russa de 1917, demonstra como exércitos disciplinados derrotaram hordas desorganizadas e elites unificadas dominaram massas desordenadas e como uma grande parcela dos esforços dessa elite sempre objetivou assegurar que as pessoas na base da pirâmide social não aprendessem a cooperar.

No meu esforço de entender melhor a nossa realidade, tenho há algum tempo lido muitas obras de analistas, pesquisadores, historiadores e outros experts que dão conta da caminhada da nação brasileira desde tempos imemoriais. Não sei se há algum exagero no que penso em relação ao nosso sofrido país, mas o que consigo entender é que cá pelas nossas bandas sempre tivemos nos-

as elites muito bem organizadas, estruturadas em uma gigantesca “cooperativa” visando perenizar seus domínios e manter seus privilégios. Pode parecer que eu esteja “chovendo no molhado”, mas não podemos nos esquecer que faz parte do jogo que as massas sejam mantidas numa amnésia bem conveniente para as classes dominantes.

Conforme as demandas de cada ciclo histórico, econômico, social, político o que sempre se observou foi uma corrida de revezamento dopada com muita falcatura, em que o bastão sempre passou de u’a mão para outra numa sequência pré-determinada, em um jogo de cartas marcadas, obedecendo a grandes e escusos interesses em detrimento das necessidades e anseios do povo. Assim foi na colônia, no império, nas diversas “repúblicas” até chegarmos à “República de Curitiba” que se arvora de dona da verdade e se faz de justiceira de plantão.

Hoje vivemos sob a égide da grande “cooperativa” dos nossos poderes políticos constituídos em que executivo, legislativo e judici-

ário vivem “juntos e misturados”, apoiados e aplaudidos pelo quarto poder (a poderosa mídia oligárquica) e financiados pelo poder econômico-financeiro. Assistimos passivamente, sabe-se lá até quando, a uma ópera bufa na qual os personagens estão sempre rebocando malas recheadas de dinheiro (na falta da mala a cueca mesmo serve!) e desfrutando de paraísos nunca dantes sequer imaginados pela nossa vã filosofia. Uma “cooperativa” que, não se satisfazendo com seus não poucos privilégios, quer reduzir o povo a simples espectador de espetáculos televisivos da pior qualidade, enquanto vê seus direitos irem ralo abaixo juntamente com instituições construídas a duras penas no curso da história.

O autor acima referido em sua obra cita o exemplo dos 80.000 romenos que em dezembro de 1989 se rebelaram vaiando um discurso em praça pública do ditador Ceausescu, no poder por mais de quatro décadas e até então inquestionável, protesto que espalhou por todo o país através da transmissão de TV. Não estaria passando da hora da “cooperativa” de plantão aqui do Brasil

ser vaiada também? Afinal o povo brasileiro não aguenta mais discursos cheios de falso estadismo agredindo nossos ouvidos com sua gritaria histórica, ferindo nossos olhos com imagens de pura insanidade, destruindo nosso brio de cidadãos. Praça pública é inviável por causa da repressão? Com todos os recursos tecnológicos disponíveis hoje é possível mobilizar a população. Nossa parcela de contribuição na tentativa de mudar esse status quo não é tão complicada porque hoje quase todas as pessoas utilizam, com razoável facilidade, as mídias sociais e através delas podemos exercer influência positiva. Basta termos atenção redobrada ao filtrarmos as mensagens e informações dignas de confiança (para isso utilizemos o senso crítico e as ferramentas disponíveis), não nos furtando de engrossar o coro manifestando, também, nossa opinião, sempre pautada no bom senso. Estaremos, assim, falando como membro do MFC, essa organização da sociedade civil organizada sempre preocupada em defender a verdade acima de tudo. Bora nessa, gente? Esperar mais o que?

*João Borges Filho, membro
da Consultoria Editorial*



Através da encarnação Deus desceu à natureza a fim de super-animar e de levar de volta para ele.

Teilhard de Chardin



A internet é onipresente como Deus e promete maravilhas como o Diabo

Cristovão Tezza*

Há vários modos de dar algum sentido ou racionalidade ao amontoado de eventos mais ou menos desconexos que chamamos de “história”.

Há quem pense que a história é uma ciência exata, ou pelo menos determinável ou previsível; e, quando algo não dá certo, inventa-se um conjunto de explicações de modo a adaptar a realidade ao que pensamos que ela é, ou queremos que ela seja.

É coisa demais para mim nos limites comezinhos do dia a dia, pode-se no máximo considerar alguns fatos marcantes, a partir dos quais se desenha uma divisão de águas: no Brasil, a criação de Brasília, a renúncia de Jânio Quadros, a ditadura militar que se seguiu ao golpe de 1964 e ao sobregolpe de 1968, a passagem do Brasil rural para o Brasil urbano, a Constituição de 1988, o Plano Real e a criação de uma moeda estável, a eleição de Lula e o paraíso que se avizinhava, sob

um estado contagiante de alucinação coletiva, ou ainda a primeira sentença condenatória da Lava Jato.

Para cada um desses marcos de referência entre dezenas de outros possíveis há uma legião de especialistas falando com propriedade e conhecimento, dos quais me esforço para ser um leitor atento.

Mas imagino que cada cidadão escolhe sua referência de “antes” e “depois” para consumo próprio. Tradicionalmente, o “antes” é um estado positivo ou potencialmente positivo, e o “depois”, um desencadear infundável de desgraças, porque, miticamente, os grandes heróis são sempre os mortos.

Mas o sinal também pode ser inverso: o trágico antes cede espaço a um depois redentor, quando o conceito de utopia entra no quadro mental da condição humana. Num caso ou noutro, segue-se o instinto.

A questão é que não existe mais, no terreno da opinião, o “consumo

próprio”, aquela breve paz, os cinco minutos de silêncio, o contemplar búdico diante dos incríveis acontecimentos diários; não há mais, como antigamente (para ser sentimental), o franzir da testa, o prazer da boa dúvida, o balançar criterioso da cabeça, para enfim concluir: “Foi frango, sim. Dava pra pegar aquela bola”.

Hoje os fatos já vêm de fábrica embrulhados na opinião (pensei em escrever “envelopados” para lhes dar um certo pedigree, mas na verdade são embrulhos mesmo), todos pedradas diretas na testa.

Dessa evidência corriqueira, extraio meu ponto de referência histórica do antes e do depois: a internet.

Entre nós, a data de 2000 seria uma boa medida da virada sem volta. A internet não é de esquerda nem de direita; como Deus, está em toda parte, com a indiferença da eternidade; e, como o Diabo, nos atenta a cada minuto prometendo maravilhas, de lindas russas que namoram até carteirinhas do Exército Islâmico.

A revolução não estava no catálogo universal de curiosidades e informações, que foi a imagem que me ocorreu quando cliquei no primeiro Netscape. Nessa perspectiva, não seria bem uma novidade.

Nos anos 1980, comprei uma enciclopédia chamada “Tudo”, em dois volumes, que era uma maravilha, um pequeno “gúgol” das cavernas que resolvia meus problemas – aliás, problemas sempre do exato tamanho dos dois volumes.

Enquanto a internet parecia ape-

nas substituir essa biblioteca universal, tudo parecia bem – um grande upgrade, mas de um mesmo instrumental, agora pousando impressionante na mesa do escritório. Esse neanderthal que mexia com aquilo ainda achava que o computador não passava de uma máquina de escrever sofisticada.

A mudança estrutural, que vem transformando praticamente todos os aspectos da vida cotidiana, como uma bomba-relógio programada – do modo como caminhamos ao modo como dormimos, das relações de trabalho à qualidade do amor – foi a universalização da tal “portabilidade”, para falar um palavrão contemporâneo.

A terrível onipresença. O que significa uma perseguição monstruosa e permanente, o bafo do mundo na nossa nuca, a gritaria infernal de todos sobre tudo, a exigência de dedo erguido, o estado de indignação apoplética, os gritos da burralhada, a perpétua beira do abismo sobre o abismo.

De tal modo que, para escapar do horror, comecei a escrever poesias (o que é meio ridículo, a essa altura, mas que fazer). Uma delas termina assim:

“Enquanto isso, malmequer, aperto meus olhos míopes atrás de um foco qualquer.”

Cristovão Tezza É crítico literário e um dos principais ficcionistas em atividade no país. Já venceu alguns prêmios literários brasileiros com o livro ‘O Filho Eterno’ (Record).

Transcrito da Folha de São Paulo



A VIOLÊNCIA QUE OPRIME

Tiago Fernandes*

Não é de hoje que a segurança pública é pauta em nosso país. São anos de discursos vazios e de políticas fracassadas que priorizaram mais a impunidade do que realmente a proteção do cidadão de bem. As cenas de guerra que tomam conta do noticiário são apenas reflexos de um conjunto de reveses políticos que vêm se arrastando por décadas. Reflexo também de um Poder Público que procede de forma criminosa quando o assunto são direitos. E isso mesmo, de forma criminosa. Pois somos vítimas diariamente do crime do descaso político.

É muito fácil para os governantes combaterem a criminalidade usando dos próprios artifícios do crime. Afinal, para eles, bandido bom é bandido morto. Porém esquecem que as transgressões só chegaram ao patamar atual por falta de políticas públicas eficazes. Vivemos em um país que prefere ser retrógrado quando o assunto são drogas. Enquanto parte do mundo enxerga como questão de saúde pública, nossos

políticos insistem em uma política arcaica de guerra a elas. Por que não uma discussão séria e com reformas profundas?

Como se vangloriar de uma década da lei “Maria da Penha” – que foi criada para coibir a violência doméstica –, se na realidade ainda não está completa em implementação? Faltam delegacias da mulher; as existentes estão locadas nos grandes centros; e o número de funcionários é insuficiente. Escolhemos ter a polícia que mais mata e que mais morre no mundo. Eu pergunto: e o projeto de lei que aperfeiçoaria as investigações de homicídios cometidos por policiais e que está parado há anos em Brasília?

Optamos, por anos, deixar de lado a educação de nossas crianças e nossos jovens. Renunciamos o que de mais precioso um país pode oferecer ao seu povo. Combater a violência vai muito além das operações sangrentas com tiros de fuzis. São necessárias ações concretas quanto a projetos sociais que diminuam a desigualdade social,



possibilitando outros caminhos que não sejam o da criminalidade. Afinal, só teremos trégua nessa batalha quando esse país colocar em prática a reparação da dívida histórica que tem com sua gente.

A violência no Brasil nada mais é que uma reação ao direito roubado, à dignidade perdida, à segregação velada, à negligência do Estado em não conseguir suprir os anseios da população. Não escrevo para defender a hostilidade, a agressividade, a crueldade, a ferocidade, e tantos outros sinônimos da palavra violência. Muito menos me coloco a favor da descriminalização de qualquer tipo de droga, mas devo lembrar que toda ação gera uma reação. E, se nada mudar, continuaremos a enxugar gelo.

** Tiago Fernandes é Jornalista
Transcrito da Tribuna de Minas*

*Que a estrada se abra à sua frente,
Que o vento sopra levemente em suas costas,
Que o sol brilhe morno e suave em sua face,
Que a chuva caia de mansinho em seus campos,
E, até que nos encontremos, de novo...
Que Deus lhe guarde nas palmas de suas mãos!*



Prece Irlandesa

AGRAVANTES E ATENUANTES DA IMBECILIDADE

Francisco Daudt*

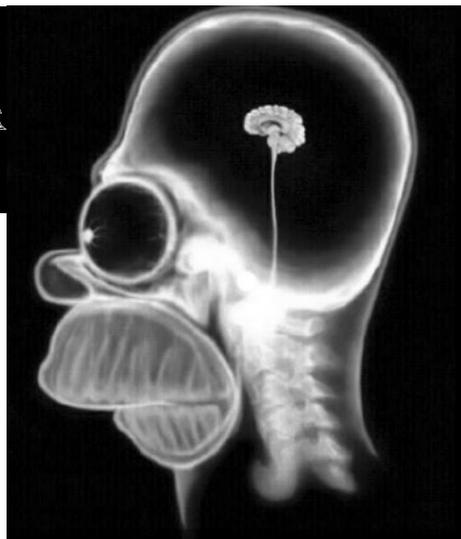
Os imbecis perderam a modestia"; "Os idiotas vão dominar o mundo; não pela capacidade, mas pela quantidade. Eles são muitos."

As famosas frases de Nelson Rodrigues constataam uma triste realidade da espécie. Não à toa o primeiro-ministro britânico Winston Churchill disse que a democracia era o pior dos regimes (com exceção de todos os outros).

Queixar-se da imbecilidade humana, porém, é como queixar-se da chuva: é um dado da natureza e não há nada a fazer, exceto proteger-se dela.

Minha questão aqui é que a ninguém a imbecilidade é alheia, não há quem esteja imune a ela; todo Einstein tem seu momento de Ermildo, o personagem idiota do colunista da Folha Elio Gaspari. O que quero comentar são os fatores que agravam a imbecilidade, e os que a atenuam, para que todos nós possamos lidar melhor com ela.

Você pensará que lidar melhor com ela visa apenas atenuá-la, mas não; eu acredito que há muita gente mal-intencionada querendo aumentá-la. Se não, como explicar o



descalabro da educação pública?

Afinal, a educação é o pilar da busca da igualdade de oportunidades; é o que transformou a Coreia do Sul em potência econômica em poucas décadas. Em nossa terra, todavia, é entregue às baratas.

Deve haver muito político temendo um povo esclarecido, preferindo pobres mendigando por uma bolsa-esmola a troco de votos

A chave psicológica do aumento/diminuição da imbecilidade está na capacidade humana de reflexão/reação. Se somos induzidos à reatividade, nossa burrice aumenta. Se temos espaço para a reflexão, cresce nossa inteligência.

É verdade que nossa espécie não teve muito estímulo para a reflexão em suas origens: imagine um ancestral nosso na savana africana vendo um bando de amigos em correria. Se ele parasse para refletir sobre o

pânico público, provavelmente teria sido devorado por um predador, não deixando descendentes.

A reatividade de sair correndo junto aos amigos salvou sua vida. A filosofia teve mais chance de existir quando o grego clássico pôde tranquilamente conversar e refletir com seus pares na Ágora.

Eis que nesse cenário acima está o que determina a reatividade e o que possibilita a reflexão: sentir-se ou não ameaçado; precisar ou não se defender. De fato, todos os mecanismos de defesa psíquicos são emburrecedores.

Tomemos apenas a negação como exemplo: todos nós estamos fadados a morrer. A morte e os impostos são as duas únicas certezas da vida. Agora considere a quantidade de energia que a humanidade investe na negação da morte.

Considere o aluguel mental que isso traz, todas as derivações dessa negação (Galileu e a rejeição ao heliocentrismo, por exemplo), e você terá uma pálida ideia da influência emburrecedora dos mecanismos de defesa.

Para um exemplo mais recente, considere os nossos debates políticos. Há espaço para reflexão neles? Todos se ocupam de atacar o oponente por meio dos piores adjetivos, pois sabemos que a melhor defesa é o ataque. Claro, todos estão sob a ameaça dos rótulos horríveis que cada parte lhes lança. Assim, só fazem reagir. É a imbecilidade desfilando em toda sua glória.

Algo em âmbito mais próximo? Pense nas DRs (discussões de relação). A ameaça de rompimento, de desamparo, de perda de amor está tão presente que a reatividade defensiva impera é por isso que não se vai muito longe nelas. Se elas começassem com uma declaração apaziguadora (eu te amo e quero me entender bem com você), as chances de reflexão seriam maiores.

Todas as doenças psíquicas neuroses, psicoses, perversões, depressão, psicopatia derivam de estarmos aprisionados a mecanismos de defesa contra as ameaças do mundo (i.e., do superego), e sabemos como elas nos reduzem a capacidade de raciocinar.

Eis porque adoro a conversa calma e amigável; o ambiente que acolhe e não acusa; a amizade que não pressupõe malícia da outra parte; a autoridade do saber, e não a de mando; a democracia parlamentar, e não a tirania.

• *Francisci Daudt, psicanalista e médico, é autor de Onde Foi Que Eu Acertei?, entre outros livros.*

Transcrito da Folha de São Paulo

PARA REFLEXÃO:

Se não abrirmos espaço para a reflexão crítica, caminhamos em direção à imbecilidade, mas se dermos mais espaço cresce e a nossa inteligência individual e coletiva. Por falar nisso: Como você avalia a construção da educação no Brasil?



Prof. Mario Antonio Betiato

Mulheres e homens de Deus, o que é a verdade sobre o universo, a existência? A vida? É atribuído William Shakespeare a expressão: “quando souberdes toda a verdade sereis como deuses”. Insisto na citação do profeta Isaias no capítulo sete versículo nove: “se não crerdes, não compreendereis”.

No processo evolutivo, quando uma das espécies de humanos se tornou sapiens, aquele ser inteligente, nossos antepassados, espantado diante da complexidade do mundo real, para pôr certa ordem no caos que era o mundo, antes mesmo da formação das religiões instituídas, criou suas divindades na esfera mitológica. O homem criou os deuses: Trovão para explicar o raio; Eros, para a sexualidade; Baco, ou Dionísio para explicar as alucinações

do vinho. Havia na pré-história, um politeísmo exagerado, com rituais, muitas vezes com holocaustos, onde se ofereciam vítimas humanas para aplacar a ira dos deuses ou para atrair bençãos das divindades. E há aproximadamente trinta e cinco mil anos, o ser humano produziu símbolos de caráter religioso: práticas funerárias, que apontam para a crença no sobrenatural como nos mostram alguns documentos arquitetônicos da pré-história: pinturas rupestres, túmulos, cerâmicas, etc.

Recentemente, nasce a ciência moderna. Nem a ciência nem a filosofia põe a pergunta sobre Deus, porque a transcendência continua sendo um mistério que não é palpável, não passa pelos sentidos básicos que possuímos, não podendo, portanto, ser quantificado, medido, qualificado. Deus, para a ciência, ficou sendo uma hipótese desnecessária como dizia o matemático

Pierre Simon Laplace (França 1749-1827). Esta indiferença da ciência ao transcendente, contribui em parte para o ateísmo ou a indiferença religiosa. Ateísmo... Millôr Fernandes (Rio de Janeiro 1923 – 2012) tinha certa razão, quando disse que “o homem só é ateu sincero quando está bem de saúde. Não existe ateísmo numa pane de avião”.

O pensamento teológico é aquele que não se acomoda na dúvida, nem na crença cega, mas é capaz de refletir sobre ambas. Todos sabemos que existem teologias, sistematizações diversas, dado a pluralidade cultural e religiosa no mundo. Porém, para todas elas, o ponto de partida é a experiência do sagrado, que também chamamos de experiência de Deus, o que é observado em todas as culturas e em todos os tempos. Diante desta experiência, a primeira reação é de espanto, depois, de fé.

O sagrado, o mistério, a fé, brota, em primeiro lugar, de uma experiência que pode ser sentida pelo ser humano, porém não pode ser explicada pela lógica da filosofia e da ciência. É o mistério que é inefável, indizível, algo que jamais caberá em conceitos, quanto menos em formulas exatas. E se coubesse em conceitos deixaria de ser mistério, deixaria de ser inefável.

O que afirmamos é sustentado por muitos místicos e pensadores. No universo cristão um dos principais expoentes é Santo Agostinho (Hipona África 354-430) que diz, dentre outras coisas: “Nossa alma

jamais descansará enquanto não repousar no mistério de Deus”.

Para Rudolf Otto (Alemanha 1869 -1937), um dos clássicos pensadores do nível religioso de conhecimento, “a religião não consiste em suas expressões racionais e sim, na experiência do sagrado que é anterior”. Tudo começa aí, na experiência do mistério. A teologia, a liturgia, os ritos, símbolos, mitos, produzidos pelos especialistas, são sistematizações posteriores. A produção do conhecimento teológico vem sempre depois da experiência do inefável. O pensamento teológico é uma reflexão sistemática sobre, e a partir da experiência religiosa, que não é uma experiência emocional, nem psicológica porque se fosse, caberia em explicações dissertativas, mas é uma experiência ontológica ou se quisermos, de caráter metafísico. É uma experiência única em cada ser e intransferível para outros.

Rudolf Otto chama de numinoso: mistério tremendo e fascinante que suscita no crente temor e tremor, deixando-nos pequenos, o que nos dá uma energia trasbordante e êxtases de eferescência coletiva. O numinoso é fascinante, admirável e inquietante. Esta experiência será, depois, elaborada e institucionalizada culturalmente pelas teologias diversas, não no sentido de definir (dar um fim explicativo para mistério), mas no sentido de orientar o crente para a assimilação e vivência pessoal e comunitária deste mistério que humaniza e plenifica.

Para a teologia, o mistério da vida não é um problema para ser resolvido. É uma realidade para ser experimentada e vivida. Porém, no dizer de Santo Anselmo, (Itália, 1033 – 1139) “a fé é desejosa de saber, a fé requer uma racionalidade que lhe é própria”.

É a Teologia então que sistematiza e põe a necessária disciplina na vivência do inefável. As diferenças entre as concepções teológicas dependem das diferenças na sistematização da experiência religiosa nas diversas culturas e momentos históricos.

Para a teologia cristã o significado maior deste mistério é a salvação plena em Cristo. Salvação no sentido histórico e escatológico. A contribuição do saber teológico, portanto, é ajudar o ser humano a tornar-se plenamente humano com todas as implicações desta prerrogativa: animal, animal pensante, animal pensante aberto ao transcendente e sedento de Deus, que busca salvação de si e do mundo.

O ser humano jamais irá sossegar sem experienciar o mistério de Deus. A modernidade racionalista e cientificista se afogou em alavancas pregos e parafusos sem dar o devido espaço para o saber teológico. Daí, há um desconforto, uma inquietude, uma falta de sentido, no homem moderno.

Porém, o saber teológico por sua vez, na busca de pôr certa ordem na vivência comunitária do mistério de Deus, corre o risco

de aprisionar o mistério em seus dogmas e doutrinas, e todos sabemos que o sagrado não se rende às doutrinas sobre ele. Entretanto, também corre o risco de não ser crítico o suficiente e deixar que uma experiência religiosa se confunda com alucinações e se torne uma doença. Daí podemos dizer que as religiões também poderão ficar doentes, mas isso não significa que elas sejam a doença, para aludir à crítica de Karl Marx.

No cristianismo, essa reflexão sobre o inefável, historicamente, levou a Igreja a formular sua doutrina social, a pensar sobre a ética, não somente enquanto convivência humana, mas algo com fundamento na transcendência, no correto uso da liberdade, na escatologia, e no fim último da existência, que é a plenitude da vida em Cristo.

A busca desta plenitude orienta a moral, a liturgia, a relação com a natureza e a busca da verdade que é libertadora. Sem esse o saber teológico, para usar uma expressão de Albert Einstein, “a ciência fica manca”, não se sustenta, porque todo o saber científico se limita ao fenômeno e nós sabemos que a vida é muito mais que o fenômeno, pois todas as coisas caminham para um fim, que as transcendem. Todas.

As respostas teológicas para o mistério da vida são respostas que apontam para o eterno, pois a finitude, o efêmero, é a maior prova de imperfeição. A eternidade, não é uma questão de tempo,

mas de intensidade e qualidade do sentir. No dizer de Carlos Drummond de Andrade é algo que “pode viver somente uma fração de segundo, mas com tamanha intensidade que se petrifica, e nenhuma força o resgata”.

Este professor que escreve, pensa que a aproximação ao inefável é mais plausível quando usamos a linguagem da arte e principalmente da poesia enquanto conhecimento amplo que serve para todos os outros saberes. A arte sempre se aproxima do mistério. Se Deus existe, algumas coisas Ele deu somente para os artistas. Tirou dos filósofos,

dos cientistas e teólogos e presenteou os poetas. A vida sem poesia é amarga, trágica e incompreensível demais.

Dito isto, ajoelhem-se senhores doutores teólogos. Mas não diante dos livros e tratados. Ajoelhem-se diante do sagrado.

Creiam

Refletir sobre o tema: O ser humano só é ateu completo quando está bem de saúde. “Não existe ateísmo numa pane de avião”. A alma humana jamais descansará enquanto não repousar no mistério de Deus.

Cada família do MFC

1 ASSINATURA POR ANO:

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias. ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO.

fato e razão



Assinatura anual: R\$ 34,00



Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês...



Faça um cheque nominal, cruzado ao MFC ou



Efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 - Banco do Brasil;



Envie os dados pelo E-mail da Revista ou pelo Whatsapp (32) 98702-1600



E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Distribuidora Fato e Razão - Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 3601 0-520

CIDADANIA REFLEXIVA(3)



Considerando que:

- As pessoas, sua maioria, ainda têm liberdade para pensar; - A cidadania tem fundamento nos limites da liberdade e no respeito ao direito à vida com igualdade e com segurança; - A construção da paz, coerente e comprometida com a proposta da misericórdia, recomendada pelo Papa Francisco;

- A equipe editorial de F&R coerente com a importância de VER, JULGAR, AGIR, AVALIAR E REFLETIR valorizando a família em missão está criando, a partir da edição nº 100 o espaço chamado de CIDADANIA REFLEXIVA. Aqui estarão reunidas até cinco contribuições, sob a forma de pequenas constatações, de autores diferentes. São documentos que pretendemos serem estimu-

ladores de reflexões individuais ou grupais sobre a realidade que as pessoas vivem neste momento histórico, bem como suas projeções sociais, políticas e econômicas mais diversas.

1ª CONTRIBUIÇÃO:

Jesus, o mestre do amor, recomendou: - Ame sem medida, se você quer o amor no mundo. Ensine a amar. Arregace as mangas e seja pau para toda obra amando. No ano do laicato, principalmente, é preciso ser atuante amando com disposição, alegria e entusiasmo. Amar é estar em contato íntimo com DEUS. PARA SUA REFLEXÃO: - O amor que você pratica diariamente basta para a sua salvação? Por que?

2ª CONTRIBUIÇÃO:

Quem acredita se apropria da mensagem de Jesus e descobre a importância de ser no mundo, convivendo e estando a serviço. QUEM CRÊ, EXERCITA EM SI E COM O PRÓXIMO A TERNURA DE DEUS. A FÉ LEVA AO TRABALHO, A PARTILHA, AO AMOR SEM EXCLUSÃO E SEM PRECONCEITO. “Em que situação você coloca a sua fé cristã vendo julgando e agindo no mundo”? – Como você celebra o seu amor com Deus?

3ª CONTRIBUIÇÃO:

No Brasil as oligarquias desfrutam ou herdam o poder, mas não entendem as responsabilidades públicas inerentes a eles. QUEREM OS PRIVILÉGIOS, MAS NÃO O ONUS. Compram helicópteros para sobrevoarem e rirem da tristeza dos HAITIS BRASILEIROS. – Qual o desafio que se apresenta ao cidadão (ã) que deseja melhorar as condições de vida social? – Qual é o seu compromisso?

*Amar é ter um pássaro pousado no dedo.
Quem tem um pássaro pousado no dedo sabe que,
A qualquer momento, ele pode voar.*

Rubem Alves *A celebração de mais um ano de
vida é a celebração de um desfazer, um
tempo que deixou de ser, não mais existe.*

Fósforo que foi riscado. Nunca mais acenderá.

*Daí a profunda sabedoria do ritual de soprar as velas
em festa de aniversário. Se uma vela acesa é símbolo de
vida, uma vez apagada ela se torna símbolo de morte.*



Rubem Alves



Grande parte da publicidade é dirigida à criança, porque ela é a última consumidora que restou a explorar. Assim como no final da década de 60 e começo dos anos 70, foram os jovens os grandes consumidores. A ideia hoje é vincular o produto à criança. Sua presença no comercial visa transmitir a mensagem à mãe como se fosse seu próprio filho. Mas e os efeitos disso? Que tipo de adulto e de sociedade teremos pela frente? Será que essas crianças utilizadas nos comerciais e aquelas atingidas, direta ou indiretamente por eles, não são prejudicadas pela herança consumista que recebem?

Todo a proposta de educação que leva a criança a ser consumidora em vez de ser pessoa, é péssima, pois não é novidade que o ser humano foi feito para o “ser” e não para o “ter”.

A televisão e a internet, com seus comerciais, representam uma espécie de vitrina do mundo, onde tudo é belo, perfeito, colorido e brilhante... No entanto, sabemos que as coisas não são bem assim, nem as experiências de vida podem ser adquiridas simplesmente por meio de “quadro animado”.

O modo da criança e do adolescente enxergarem a TV e a internet depende do modo como os pais as enxergam. Se para eles são importantes, se as utilizam muito, é assim que os filhos vão entender também.

São muito conhecidos os casos em que a TV é utilizada como uma “babá eletrônica”, com sua alta dose de sensualidade e erotismo dos comerciais, das novelas, dos filmes, uma vez que é muito mais cômodo deixar a criança entretida com o aparelho e continuar fazendo as outras tarefas.

A programação televisiva é elaborada em torno da idéia de show, de espetáculo. E a criança aspira que tudo lhe seja apresentado dessa mesma maneira. Caso contrário não mostrará interesse, mesmo que se trate de algo essencial para a sua vida.

As atividades escolares, por exemplo, são encaradas, não raras vezes, como um verdadeiro martírio, pois a TV não pede para falar, para se comunicar, não solicita que responda às suas questões, que memorize, que reflita, crie, sintetize. Suas “receitas” já vêm prontas, acabadas, não admitem questionamento.

Os canais de TV veiculam modismos relacionados com comportamento, conceitos e posicionamentos levianos envolvendo questões vitais ligadas à dignidade e a realização do ser humano. A ideia de que tudo é relativo age sem o menor pudor, tornando as consciências elásticas e ridicularizando os valores humanos e cristãos.

Nos jornais televisivos predominam as notícias de violência dos mais variados tipos. Terminado o informativo, passam a exibir filmes que são verdadeiras “escolas” do crime.

O universo do filme publicitário para crianças é regido principalmente pelo princípio do prazer, não havendo lugar para contradições. A realidade é banida e por isso não constitui entrave à realização dos desejos. A publicidade veio ajudar

o supérfluo a impor-se como necessário. Surgem então os inevitáveis “mãe, compra isso... pai, compra aquilo...”

O Ministério da Saúde, bem como pesquisas de universidades, vêm constatando índices cada vez mais preocupantes de crianças e adolescentes com problemas que até então ocorriam com adultos, como hipertensão arterial, colesterol e glicose elevados, obesidade, entre outros. Há várias causas, entre elas, o sedentarismo e o uso de bebidas e alimentação que não se coadunam com uma vida saudável.

Torna-se urgente a tarefa de restaurar a vida familiar, voltando a ter criatividade, produzindo sua atividade, seu lazer, seu modo próprio de viver em grupo.

Deve-se oferecer alternativas para a criança e mostrar por meio do diálogo que há coisas muito mais construtivas para fazer do que permanecer atrelada à televisão, ao celular, ao “mata-mata” dos videogames.

A importância das relações entre as pessoas vem sendo substituída e subordinada pelas relações entre as pessoas e as coisas.

Os psicólogos já relatam situações excêntricas, como filhos que estão nos quartos se comunicando pelo celular com os pais que se encontram na sala. Adultos, durante as refeições, segurando o garfo com uma mão e o celular com a outra. É a tecnolatria banalizando um momento sagrado.

Está sendo formada uma geração sob a ótica de que o valor maior é o mundo da eletrônica, da informática. O resto é ultrapassado, secundário, inferior.

Não se trata de ser contra a técnica, mas quando ela deixa de ser meio para tornar-se fim, servilizando a pessoa.

Como afirma o papa Francisco, "... o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência" (Laudato-Si, 105).

Deus não nos criou para sermos "massa", bonecos de ventríloquos (cf. Ef 4,14-15). Criou-nos à sua imagem e semelhança, como nos afirma o Gênesis.

É profundamente melancólico quando vemos pessoas que se deixam "domesticar" e passam, um belo e ensolarado domingo, encer-

radas dentro de casa, na frente do computador ou da televisão.

Cultivar amizades, reunir-se com outras famílias, praticar algum esporte em conjunto, desenvolver algum trabalho na comunidade, tocar instrumentos musicais, fazer um passeio pela zona rural ou na praia e tantas outras coisas que são possíveis de serem criadas.

A propósito, precisamos incentivar e valorizar o contato com a natureza. É condição indispensável para a pessoa poder se desenvolver harmonicamente. É o grande cenário de Deus destinado à nossa felicidade.

Na medida em que as famílias forem realmente formadoras de pessoas, os filhos vão despertar para a consciência crítica, para a ética, justiça, solidariedade, para a sublime missão de ser luz para o mundo (cf. Mt 5,14).

José Francisco Marchiaro Britto

Pelotas/RS

*O poema é o dedo do poeta apontando
para o voo do pássaro que está além
das suas palavras."*

Rubem Alves





Pense rápido: o que é consumo? A palavra é bem conhecida de todos e, seguramente, tem algum significado para você. Consumir implica em um processo de seis etapas que, normalmente, realizamos de modo automático e, mais ainda, muitas vezes impulsivo. O mais comum é as pessoas associarem consumo a compras, o que está correto, mas incompleto, pois não engloba todo o sentido do verbo. A compra é apenas uma etapa do consumo. Antes dela, temos que decidir o que consumir, por que consumir, como consumir e de quem consumir. Depois de refletir a respeito desses pontos é que partimos para a compra. E após a compra, existe o uso e o descarte do que foi adquirido.

Considerando todos esses aspectos do consumo, você vai ver que ele está presente praticamente o tempo todo em nossas vidas. Ao acordar, vamos ao banheiro e consumimos água, eletricidade, pasta de dente e sabonete. Depois tomamos café-da-manhã e lá vai café, pão, manteiga, geléia, frutas, água,

eletricidade. E mais água para fazer o café e para lavar a louça. Quando saímos para o trabalho, a menos que se vá a pé ou de bicicleta, consumimos combustível, mesmo que seja do ônibus, e no caso do metrô, energia elétrica. Dependendo da ocupação de cada um, haverá diferentes tipos de consumo, mas é quase certo que haverá uso de eletricidade, papel e cafezinho, por exemplo. Portanto, mesmo que você passe o dia todo sem sequer abrir a carteira, terá consumido muita coisa.

Por isso o consumo é algo muito importante e que provoca diversos impactos. Primeiro em nós mesmos, já que temos que arcar com as despesas do consumo e também nos beneficiamos do bem estar derivado dele. Depois, o impacto na economia, porque ao adquirirmos algo, movimentamos a máquina de produção e distribuição, ativando a economia. Também afeta a sociedade, porque é dentro dela que ocorrem a produção, as trocas e as transformações provocadas pelo consumo. E por fim, o impacto so-

bre a natureza, que nos fornece as matérias-primas para a produção de tudo o que consumimos.

O consumo é um dos nossos grandes instrumentos de bem estar, mas precisamos aprender a produzir e consumir os bens e serviços de uma maneira diferente da atual, visto que o modelo hoje utilizado

de produção e consumo contribuiu para aprofundar alguns aspectos da desigualdade social e do desequilíbrio ambiental. Mas as coisas não precisam ser assim e existe um enorme potencial para que o consumo que nos trouxe a essa situação, se exercido de outra forma, nos tire dela. Vamos ver como?

CONSUMO CONSCIENTE

Bem, agora que você já sabe que muitos dos nossos atos são atos de consumo e que eles impactam a sua vida e as condições da vida no planeta, chegou a hora de saber como você pode usar suas escolhas de consumo para ajudar a construir um mundo social e ambientalmente melhor. O caminho passa pela adoção do consumo consciente. E o que é consumo consciente? É consumir levando em consideração os impactos provocados pelo consumo. Explicando melhor: o consumidor pode, por meio de suas escolhas, buscar maximizar os impactos positivos e minimizar os negativos dos seus atos de consumo, e desta forma contribuir com seu poder de consumo para construir um mundo melhor. Isso é Consumo Consciente. Em poucas palavras, é um consumo com consciência de seu impacto e voltado à sustentabilidade.

O consumidor consciente busca o equilíbrio entre a sua satisfação pessoal e a sustentabilidade do planeta, lembrando que a sustentabilidade implica em um modelo ambientalmente correto, socialmente justo e economicamente viável. O consumidor consciente reflete a respeito de seus atos de consumo e como eles irão repercutir não só sobre si mesmo, mas também sobre as relações sociais, a economia e a natureza. O consumidor consciente também busca disseminar o conceito e a prática do consumo consciente, fazendo com que pequenos gestos de consumo realizados por um número muito grande de pessoas promovam grandes transformações.

O consumo consciente pode ser praticado no dia-a-dia, por meio de gestos simples que levem em conta os impactos da compra, uso ou descarte de produtos ou serviços. Tais gestos incluem o uso e descarte de recursos naturais como a água, a compra, uso e descarte dos diversos produtos ou serviços, e a escolha das empresas das quais comprar, em função de sua responsabilidade sócio-ambiental. Assim, o consumo consciente é uma contribuição voluntária, cotidiana e solidária para garantir a sustentabilidade da vida no planeta.

Praticar o consumo consciente consiste numa atitude de liberdade de escolha e de protagonismo da própria existência. É uma tomada de





posição clara, democrática e ética. O consumo consciente fatalmente irá gerar uma reflexão e tal reflexão pelos consumidores deverá gerar uma cadeia de estímulos que irá contagiar positivamente as empresas e seus funcionários, sua família, colegas e amigos que, diante do exemplo, serão impelidos a refletir sobre os seus próprios atos de consumo.

Para ficar mais claro, vamos dar um exemplo simples.

Você já deve ter ouvido falar que a água é um recurso natural escasso e que cerca de 30% da população mundial não tem acesso à água tratada de boa qualidade. Portanto, mesmo que você consiga arcar com sua conta de água, e portanto possa, em princípio, gastar o montante de água que lhe aprouver, tal fato trará como impacto a não disponibilidade de água, um recurso precioso e muito escasso, para um grande número de pessoas. Além disso, antes da água chegar à sua torneira, ela é tratada. Esse tratamento custa dinheiro. Se você economizar, o volume de água tratada será menor e os custos serão mais baixos. Caso contrário, para aumentar o abastecimento, a prefeitura terá de investir em novas estações de tratamento, que exigirão investimentos e usarão o dinheiro que poderia ser aplicado em outras áreas, tais como saúde, educação ou transporte. Um outro ponto a considerar é que, se a água for usada em quantidade maior do que a realmente necessária, talvez as fontes usadas já não consigam atender a demanda. Se isso acontecer, as autoridades terão de buscar água mais longe, o que provavelmente vai encarecer o custo da água e vai dificultar o acesso a ela pelas populações de mais baixa renda.

A falta de água de boa qualidade provoca diversos males. Entre 1995 e 2000, só no Brasil, ocorreram 700 mil internações hospitalares por doenças relacionadas à falta de água e saneamento básico. Portanto, quando você fecha a torneira ao escovar os dentes, ao se ensaboar no banho e ao lavar a louça, você está praticando um ato de consumo consciente, um ato que terá um impacto positivo sobre a sociedade porque ajudará a preservar água para os outros; terá um impacto positivo para a economia porque adiara a necessidade de novos investimentos no setor; terá um impacto positivo sobre a natureza porque não estará pressionando as nascentes; e terá um impacto positivo para você, que vai economizar na conta de água.

CONSUMO CONSCIENTE

É consumir diferente: tendo no consumo um instrumento de bem estar e não fim em si mesmo.

É consumir solidariamente: buscando os impactos positivos do consumo para o bem estar da sociedade e do meio ambiente. É consumir sustentavelmente: deixando um mundo melhor para as próximas gerações

O QUE FAZER - DICAS

Cada item abaixo é um link para abrir textos orientadores e esclarecedores. Acesse www.akatu.org.br/consumo_consciente/dicas



ÁGUA

- Economize no banheiro
- Elimine os vazamentos
- Não deixe uma torneira pingando
- Use a vassoura, e não a mangueira, para varrer a calçada
- Use os dois lados de uma folha de papel
- Instale torneiras com sensores automáticos
- Use uma bacia para lavar a louça
- Escove os dentes com a torneira fechada
- Diminua o tempo do banho



ALIMENTOS

- Faça o alimento durar mais
- Produtos regionais são muito gostosos
- Prefira produtos da estação
- Aproveite as partes boas de verduras e legumes
- Não jogue fora as sobras
- Cuidado ao manipular os alimentos
- Faça o cardápio da semana
- Não se preocupe com a aparência dos alimentos



RECICLAGEM

- Evite mercadorias com muitas embalagens
- Compre produtos ambientalmente corretos
- Compre somente o necessário
- Exerça sua cidadania e cobre providências dos governantes
- Separe corretamente o lixo para reciclagem
- Economize papel
- Não jogue no lixo o que você pode doar
- Compacte o lixo, antes de jogá-lo fora
- Evite o desperdício de alimentos
- Leve sua própria sacola ao fazer compras



ENERGIA

- Faça economia com a geladeira
- Economize energia ao lavar e passar a roupa
- Ilumine sua casa sem desperdício
- Use o ar-condicionado com moderação
- Evite usar aparelhos elétricos ou eletrônicos no horário de pico
- Diminua o tempo do banho
- Gaste menos combustível com o carro
- Deixe o carro na garagem um dia por semana
- Prefira equipamentos com selo Procel

COMO FAZER - ORIENTAÇÕES PRÁTICAS

Cada item abaixo é um link para abrir textos orientadores e esclarecedores. Para navegar neles acesse www.akatu.org.br/consumo_consciente/orientacoes

COLETA SELETIVA



- Por que reduzir, reutilizar e reciclar - Tirar do lixo materiais que podem ser reciclados traz benefícios à sociedade e ao meio ambiente.
- O que reciclar - Saiba o que pode ser encaminhado para a coleta seletiva e o que deve ir para o lixo comum.
- Implante a coleta seletiva - Um breve roteiro para iniciar o programa em comunidades como escolas, pequenas empresas ou condomínios.



ÓLEO DE COZINHA

- Onde entregar óleo de cozinha usado - Veja a lista de postos de coleta de óleo de cozinha espalhados pelo Brasil. A lista foi elaborada com ajuda dos internautas, que enviaram os endereços dos postos de coleta que conheciam. Se você souber de algum endereço que não está na lista, escreva-nos, por favor, para o e-mail akatu@akatu.org.br.



DESCARTE DE PILHAS E BATERIAS

- Aprenda as melhores alternativas - Pilhas e baterias são produtos que merecem cuidados especiais na hora de serem descartados, isto é, jogados ao lixo. Isto porque trazem substâncias tóxicas – metais – em sua composição.



SELOS DE QUALIDADE

- Um canal de diálogo com o consumidor - Quando o consumidor é informado com transparência sobre o processo produtivo das mercadorias, ele avalia seu custo/benefício com mais consciência.





É preciso procurar ajuda profissional?

Rosely Sayão*

Uma leitora está às voltas com a educação de dois filhos que estão em etapas diferentes da vida. O mais velho acabou de completar 15 anos e está na fase de oposição franca e aberta a tudo o que os pais dizem, pedem, orientam, mandam. A mais nova tem seis anos e entrou num período de ter medo de tudo: de ir para a escola, de dormir sozinha, do escuro etc.

“Haja paciência e humor para enfrentar essa barra!”, me disse essa mãe, que acrescentou que seria bom fazer terapia pessoal para entender algumas reações que o filho mais velho provoca nela, tanto quanto uma terapia familiar, para ajudar o grupo a administrar melhor seus conflitos. O problema é que o dinheiro anda curto e não há como arcar com o custo desses atendimentos agora. “Como resolver essas questões sem ajuda profissional qualificada?”, foi a pergunta final dela.

Essa conversa me lembrou de um fato que me incomoda já faz tempo. É cada vez maior o número

de pais que não se sentem preparados, autorizados, “qualificados” a exercer seu papel educativo com os filhos. Eles acham que precisam de ajuda especializada constante para qualquer tipo de questão que os filhos apresentam.

Em tempos de uma oferta enorme de tutores pessoais para tudo – de organizar armários a estabelecer metas profissionais, passando pela alimentação, não é difícil entender essa sensação de despreparo que muitos pais sentem frente às demandas que a criação dos filhos lhes coloca.

Não é necessário que os pais sejam estudiosos das teorias das ciências da educação, tampouco que tenham a colaboração regular de profissionais de qualquer área do conhecimento para conseguir honrar seu papel com os filhos.

Fazer terapia pessoal e/ou familiar pode colaborar com a complexa tarefa de criar filhos no mundo atual? Sim, para quem tem disponibilidade pessoal, financeira e de tempo para custear esses atendimentos.

Para quem não tem, há outras possibilidades. Pessoalmente, aprecio muito os caminhos que a arte e a cultura nos permitem trilhar.

Há, por exemplo, muitos filmes que nos permitem olhar como estrangeiros para famílias e relacionamentos de adultos com os mais novos e ver os equívocos que podemos cometer sem perceber, levados por nossos enganos e por diversas características de nossa sociedade.

Filmes que nos incomodam nos afetam. E vou citar apenas um, entre tantos: “A Lula e a Baleia”. Nele, podemos ver como os pais podem criar, para os filhos, situações com as quais eles não conseguem lidar devido a alguns valores priorizados por nossa sociedade atual, como o culto à vaidade pessoal e o estilo juvenil de viver, por exemplo.

A maioria dos pais consegue dar conta de seu papel com os filhos sem a ajuda profissional direta. Há

muitas colaborações profissionais indiretas que eles podem encontrar na internet.

Mas, para que essa ajuda seja produtiva, é preciso ser crítico com o que vê ou lê, não tomar os conceitos como regras ou receitas que podem ser universalizadas e considerar seu próprio estilo e o de seus filhos. Em poucas palavras: esse tipo de ajuda serve mais para iluminar e inspirar do que para repetir e copiar.

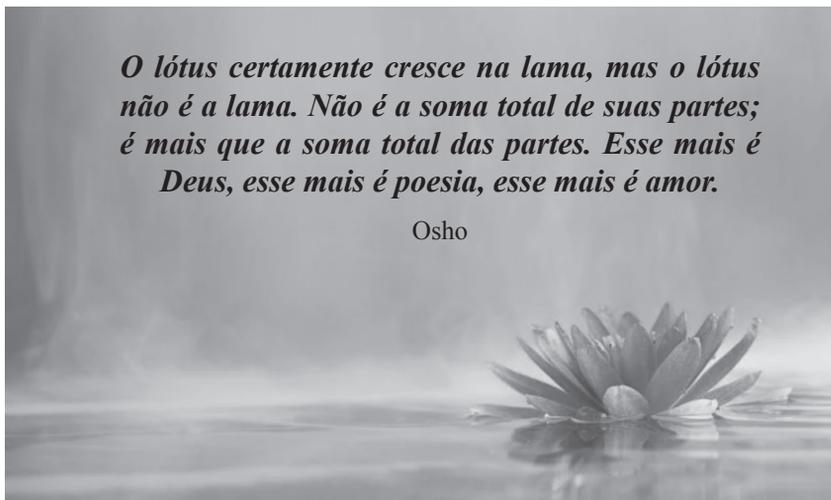
Uma boa educação dos filhos passa pela reflexão. Depois que eles vão dormir, você pensa nas atitudes que tomou com eles naquele dia e se pode fazer melhor?

- *Rosely Sayão é Psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia a dia dessa relação.*

Transcrito da Folha de São Paulo

O lótus certamente cresce na lama, mas o lótus não é a lama. Não é a soma total de suas partes; é mais que a soma total das partes. Esse mais é Deus, esse mais é poesia, esse mais é amor.

Osho



ENTRE HOMENS E PEIXES.



Ah peixes, esses animais que nos retratam e também dizem algo de Deus. Segundo certos sábios os peixes escutam bem, mas pouca gente lhes dirige a palavra. Santo Antônio pregou aos peixes, cansado da surdez dos homens. Pe. Antônio Vieira se inspirou no santo seu patrono e falou aos ouvintes surdos como se fossem peixes que escutam. Ao que tudo indica Jesus passou ordens silenciosas a eles. Seja o que for, fábulas, alegorias e parábolas envolvem peixes: somos simbolizados por eles. É que somos simbolizadores: dadores de significado. Felizes os que tangenciam o poético e se deixam tocar pelo Mistério da vida. Somos capazes de Deus.

A GALILEIA DE JESUS.

Jesus, o de Nazaré, artesão como o pai José, viveu até os seus trinta anos em um povoado, região montanhosa da Baixa Galileia. Entre morros e terra cultivada: videiras de uva preta, oliveiras e figueiras;

plantio também de trigo e cevada com espaço para legumes e verduras. É fácil imaginar Jesus subindo e descendo vielas e trilhas, em meio a uns quinhentos habitantes, espalhados. Um mundo agrícola e de vizinhanças domésticas muito bem conhecidas por ele e retratadas em suas histórias de vida, histórias de ensinar as coisas do Pai e do Reino. Entre pessoas do campo, gente honrada, cresceu e ganhou a vida como artesão na feitura de objetos e moveis de necessidade. Este seu canto de terra, pequeno mundo, os da cidade desconsideravam. Assim é que Jesus fica mal visto em Israel: - De Nazaré pode sair alguma coisa boa?

Um desfiladeiro conduzia em rápida descida ao lago de Genezaré, esse mar de Tiberíades. Ainda hoje em Israel, leio a informação, “existem 36 espécies de peixes vivendo em suas águas doces, além de 140 espécies no Mar Mediterrâneo e 1270 no Mar Vermelho”. Já sabemos que as escrituras bíblicas não

especificam nomes nem características das espécies de peixes, vetados para a oferenda no Templo. Então, intriga constatar: Jesus escolhe entre pescadores seus discípulos. Quais seriam as razões? Não são de seu povoado rural, gente do campo. Motivos a se desvelar. Talvez por serem trabalhadores que lidam com intuições, persistem e carregam certa dose de ousadia, essa de viver em equilíbrio sobre águas em ondas mansas e bravias, este campo líquido escondendo riquezas a se pescar. De toda maneira, pesca naqueles tempos era atividade própria de pequenos.

JESUS E SEUS DISCÍPULOS PESCADORES.

“Shemá Israel. Escuta Israel: amarás...”. Com os discípulos pescadores mostrará o sentido profundo que seu olhar divisava no afã da pesca e nas significações da abundância de peixes pescados. Os peixes são marcos sinalizadores da proposta de Jesus: a vinda do Reino, a vida no Reino do Pai, Abba querido, e a vida pelo Reino. Os peixes sinalizarão o que seja tornar-se “pescador de homens”.

Lc 5,1-11. Num barco de Simão, sentado, Jesus ensinava o povo. Soavam diferentes seus dizeres tocando as fibras da alegria, na leveza de percepções novas, aliviando fardos legalistas e divi-sando horizontes: a liberdade da boa notícia sobre Deus. Falou e a seguir propôs a Simão: - Rema águas adentro e lança as redes para pescar. Troca de olhares en-

tre Simão e parceiros, uma vez que mourejaram noite inteira sem nada pescar. Tocados de alguma forma, foram a pescar. E veio o espanto porque as redes cheias por pouco não se rompiam. Com o espanto, o temor sagrado: – Afasta-te de mim, Senhor, pois sou pecador. Que afastar, que nada. Aproximar-se é a lei do Reino. E a aproximação é passo de amor. Então: - De agora em diante serás pescador de homens. Não temas. Está subentendido que peixe é alimento do povo e cuja abundância não lhe pode ser negada. A pesca abundante celebra o sentido da chegada do Messias, a vinda de um reino tão esperado. Bem-aventurados...

Ainda hoje, dois milênios passados, a surpresa maior de Deus nos escapa: somos aceitos sem condições, somos enviados sabendo-nos bem menores que a missão de Amar a todos e conviver além dos laços de sangue, fraternalmente. Difícil esta justiça do Reino! Igualmente desafiadora. A gente acampa com a maior facilidade a meio declive quando o apelo é por justiça e solidariedade. E a gente não sobe a Montanha por não se importar com os peixes cá de baixo. Ah peixes, que vocação é esta, a do cristão, para pescas abundantes quando em nome Dele ousamos subir, indo de uma montanha para outra: do Sinai com seu decálogo ao monte Tabor com suas bem-aventuranças. Que difícil esta Nova Aliança.

Jo 21,1-14. O episódio dos peixes no início do Reino que era

aproximado por Jesus encontra outra modalidade no final dos trabalhos de Jesus. Peixes uma vez mais, agora num contexto de desolação.

A vida pareceu aos ex-discípulos, seguidores de Jesus, um naufrágio. Eles que haviam deixado barcos e redes, retornam amargurados ao ofício da pesca. Prejuízo de três perdidos anos, indo de um canto a outro, vivendo na esperança e acabaram por ver o Mestre ser crucificado. Como doía-lhes o fim trágico de Jesus. E como angustiava-os o haverem se enganados com ele. Simão, ele de novo, desolado decidiu: vou pescar. (Estava dizendo: não fico aqui roído de decepção e nessa conversa sem fim). Os outros se unem a ele: – Nós vamos com você. E tudo parecia se repetir, sem se renovar. Singraram as águas e naquela noite nada pescaram. Estão de volta à praia, amanhecendo. Uma escuridão de desenganos os envolvia. Desolados, de novo juntos, talvez emudecidos. Era o grupo inicial com o qual tudo começara. Atroz recordação. Mas faltava mesmo Jesus, uma ausência que cegava e feria. No entanto, Alguém os esperava na praia. Era Jesus, e eles não sabiam. E próximo, acerca-os e solicita: – Hei, vocês têm aí alguma coisa para comer? (A fome era de quê? E quem estava com fome?) A resposta veio seca, com aso de pouca conversa: NÃO. Em tom sereno e seguro a voz afetuosa se fez ouvir, sugerindo: – Porque não lançam a rede à direita do barco? (Aquele voz naquela outra noite... e se fosse possível?). Um vislumbre

grupual fiseou esperança sem troca de olhares, e os fez lançar as redes. E quase não tinham mais forças para recolhê-las tão cheias estavam. Alguém intuiu, como costumava ser outrora, e sussurrou a Simão: É O SENHOR. Era, porque havia brasas acesas, pão e peixe os esperando. Refeição preparada. Sempre a nutri-los! – Peguem mais alguns peixes do pescado de agora. E venham comer. Céus, era preciso desvestir a cobertura da escuridão e entrar na luz que amanhecia a seus olhos: ressurreição.

A pesca no cotidiano do Reino. Peixes saltando, sobrando. Parece a simbologia da Pirapora (pirá= peixe, porá=salto). Delícias do Reino que vem da água, da permanência juntos, mesmo quando há desolação. O reino dos céus é semelhante a...

Em nossas vidas de cristãos a presença de Jesus ressuscitado a nos esperar em todos os trajetos e nas piores curvas e até mesmo em descaminhos. Ele a nos reunir para sua Eucaristia, a alimentar-nos para a missão que outra coisa não é que a uma experiência de amor: amá-lo, ouvir sua voz a nos propor trocas: ódio por paz, raiva por proximidade, desencanto por esperança, descrença por confiança, abandono por cuidado. Ele nos faz pescadores. Somente Ele nos pesca para o Reino. Somos seus peixes prediletos. Nossa igreja como uma barca... Ah, não é; a vida não é “uma paixão inútil”. Singrando os mares da vida Ele nos aguarda à margem de nossos cansaços e desilusões. E

oferece-nos um fogo aceso, pão e peixe abençoados, forças de transformação. É assim que nos revela o Pai que o enviou: - Qual de vós, se o seu filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou se lhe pedir peixe lhe dará uma serpente? Mt 7,9. O Pai dos céus dá boas coisas aos que lhe pedirem. O Reino se pauta na

História como uma pescaria marcada pela dadivosa abundância. Audaciosas e discretas astúcias de Deus. Por nós!

Minha jangada vai sair pro mar

Vou trabalhar...

Pe. Dalton Barros de Almeida CSSR

Isaquinho, vai pegar martelo na casa de Abraão.

- Abraão não está, pai.
- Pega martelo na casa de Jacó.
- Jacó emprestou martelo pra Levi.
- Então vai pegar martelo com Levi.
- Levi foi viajar.
- Então pega nossa martelo mesmo!



O Isaac foi na zona, escolheu uma menina e foi logo perguntando:

- Quanto?
- 50 reais - responde ela.
- E com sadomasoquismo?
- É para você me bater ou apanhar?
- Para eu te bater!
- E você bate muito?
- Não, só até você devolver o dinheiro!



Esperare Lutando



Vivemos tantas dificuldades comuns na vida humana, algumas suportáveis, enquanto outras difíceis de entender. O joio ou cizânia brota em nosso meio sem que percebamos e acabamos deixando-o crescer até o tempo da colheita (Mt 13:30). Todas as vezes que leio esta parábola fico imaginando o tempo de espera para a colheita, o tempo de convívio lado a lado joio e trigo.

Claro que as parábolas de Cristo eram o meio mais simples e eficaz de instruir o povo, nesse caso as boas sementes são os filhos do Reino e suas atitudes, por outro lado o joio são os filhos do maligno e suas atitudes. O mundo em que vivemos seria o campo, a colheita será feita pelos anjos e Deus ordenará a separação de ambos. A semelhança é tão grande que apenas pode ser distinguido com facilidade após a formação da espiga, o que leva o joio por vezes referido como “falso-trigo”. Mas até o dia da colheita quantas lutas por espaço, pelo

sopro de vida serão travadas entre trigo e joio. O trigo servirá como alimento e sustento para muitos, enquanto o joio sendo erva daninha só servirá para ser arrancado e jogado fora, mas antes ele aproveitará o máximo que puder da sombra, água e adubos jogados na plantação.

Ser trigo ou se intitular trigo soa muitas vezes de forma hipócrita no meio cristão, estar disposto a conviver com o diferente, conversar com quem não comunga das minhas idéias, dividir o mesmo sol e a mesma sombra não é apenas sentar e esperar o tempo da colheita. Tem muito joio sugando a água, a sombra e as forças do próximo e ainda pensando que é trigo, Paulo deu exemplo aos tessalonicenses quando trabalhou duro para não ser fardo pesado aos irmãos. (2Ts 3:8)

Quantos “Santos” anônimos têm lutado pela construção de um Reino justo, fraterno e de paz para todos? Comprometidos em fazer a diferença no bairro, na rua, na

vida em comunidade, na partilha do pão, mas que precisam conviver lado a lado com aqueles que contestam a partilha e preferem o acúmulo de bens? Ser justo numa sociedade do "jeitinho" é uma luta diária, se colocar a serviço do outro e servir é mais difícil do que apontar erro sentado à sombra dos galhos vizinhos.

Pois bem, deixe o joio pensar que é trigo e enquanto isso se esfor-

ce em produzir o máximo de partilha, acolhida, diálogo e respeito. Portanto, pelos seus frutos os reconheceréis. (Mt 7:20)

*Gildasio e Lucyene Oliveira
MFC – Gov. Valadares – MG*

Para provocar uma reflexão: Por que ser trigo, ou se intitular trigo, soa muitas vezes de forma hipócrita no meio cristão, em tempo de laicato missionário?

O judeu convertido vai se confessar:

- **Padre, há 20 anos atrás, eu abriguei um refugiado da guerra. Qual o meu pecado?**

- **Meu filho, nisso não há pecado, você fez uma caridade!**



- **Mas, padre, eu cobrar aluguel dele.**

- **Tem razão, meu filho, isso é pecado! Reze 3 Ave-Marias e um Pai-Nosso...**

- **Só mais um pergunta, padre! Devo falar pro ela que o guerra acabou?**



O Jacob vai colocar um anúncio no jornal.

- **Gostaria de colocar um nota fúnebre do morte de meu esposa, diz ao atendente.**

- **Pois não, quais são os dizeres?**

- **Sara morreu!**



- **Só isso? espanta-se o rapaz.**



- **Sim, Jacob não quer gastar muito.**

- **Mas o preço mínimo permite até 5 palavras.**



- **Então coloca: 'Sara morreu. Vendo Monza 94.'**





'Inteligência' de 'smartcities' precisa se distribuir entre seus cidadãos

Ronaldo Lemos*

Uma das ideias mais influentes dos últimos anos é o conceito de “cidades inteligentes” ou “smartcities”. Por ele, as cidades ficarão cada vez mais conectadas e passarão a usar a internet e outras tecnologias para administrar escolas, iluminação pública, transporte, hospitais, tratamento de água, coleta de lixo, segurança pública e outras atividades.

Em um contexto de enorme frustração com a qualidade dos serviços, como é o caso do Brasil, essa ideia repercute com mais força. Na campanha eleitoral de 2016, pulularam candidatos querendo se pintar de “modernos” dizendo que a tecnologia seria um dos elementos centrais das suas administrações.

Ninguém tem dúvidas de que a tecnologia será incontornável como forma de melhorar os serviços públicos. No entanto, sozinha ela não garante nada. Ao contrário. A mesma tecnologia que é usada para melhorar serviços urbanos pode ser usada

para vigiar cidadãos e violar a privacidade. Ou, ainda, para aumentar desigualdades existentes, ou eximir gestores públicos matreiros da responsabilidade de cuidar de pessoas, e não só de infraestrutura.

É preciso aceitar que a ideia de “smartcities” desperta não só admiração mas críticas e preocupações. Uma diz que o termo “smart” precisa ser lido como um acrônimo para cidades que são “simplistas”, “mecanicistas”, “ahistóricas”, “reduccionistas” e “tautológicas”. Em outras palavras, cidades que privilegiam infraestruturas impessoais e descuidam da complexidade dos modos de vida que compõem o tecido urbano.

Outra crítica é que, tal como crianças seguindo o flautista de Hamelin, gestores municipais podem facilmente se tornar reféns do chamado “complexo industrial da inteligência urbana”. O termo foi cunhado pelo urbanista Dan Hill para descrever alguns serviços globais que ambicionam fornecer boa

parte da “inteligência” das cidades. Esses atores, é claro, são importantes. Mas ficar dependente deles não é boa ideia.

Por isso é preciso incluir outra dimensão nesse conceito: o de cidadãos inteligentes. A “inteligência” da cidade precisa se distribuir entre as pessoas que vivem nela. Não pode ficar centralizada atuando só de cima para baixo. Boa parte da infraestrutura para distribuir a inteligência urbana já existe: são os smartphones que carregamos no bolso.

A partir deles é possível caminhar para um outro conceito, o de “cidade responsiva”, que responde aos anseios de quem vive nela. O termo foi criado pela professora de Harvard Susan Crawford.

Na visão dela, a cidade do futuro é aquela em que as decisões são tomadas de forma compartilhada de modo permanente com seus cidadãos. Os mecanismos para fazer isso já existem.

Em outras palavras, em vez de simples metrificação, empoderamento e participação. Faz sentido. Não há nada mais vulgar no plano da cidade do que decisões e estruturas claramente desconectadas das pessoas que nela habitam.

** Ronaldo Lemos é Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro (ITSrio.org). Mestre em direito por Harvard. Pesquisador e representante do MIT Media Lab no Brasil.*

Transcrito da Folha de São Paulo



AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize PREFERENCIALMENTE o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR, pelo tel (32) 3214.2952, de 13:00 às 18:00 ou pelo endereço eletrônico da livraria MFC:

livraria.mfcgmail.com ou ainda pelo whatsapp (32) 98702-1600.

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.



Temos o máximo interesse em mantê-lo como assinante.



Jorge Leão*

É o único termômetro capaz de medir a temperatura do coração. Ao iniciar a sua jornada, ele nos convida ao toque mais sutil que podemos receber: a entrega gratuita.

Não incita à culpa, muito menos ao abandono. É acolhedor o seu ritmo, e suave o seu olhar. Quem se nutre com o tempero do amor, sabe que a vida não passa em vão. Todo mínimo movimento faz sentido, pois penetra fundo no vazio deixado pela noite mal dormida.

Como nos traços do artista, sua tela se renova a cada contorno. Sente-se bem por partilhar os momentos simples da vida: um abraço, uma palavra oportuna, um aperto de mão. Procura sintonia na melodia do silêncio, e confessa sua chegada como um beija-flor, discreto e belo.

Nada o afasta de seus sonhos. Alimenta-se com o néctar das flores do tempo. Sabe que precisa acalmar a tempestade do vazio deixado pela inconstância das marés. A todo momento permanece atento aos tormentos das enchentes, e sabe o momento de recuar para dar vazão à solidude.

Percebe-se aprendiz na escadaria da vida e da morte. Encontra seu deleite no dar-se incondicional. Não recebe esquecimento, pois sabe que a memória lembra o que desde o começo é eterno.

Ele toca a alma, e por isso nos conecta com a morada do que não pode caber em nenhum espaço. Pois morar é ser, e ser é um modo de respirar. Conforme a tua respiração, lá é a tua morada.

Rever o toque a cada dia é também aprender novamente a amar. E amar é não perder a magia da re-

conquista. Quem se permite rever seus passos, anda com mais serenidade na estrada da vida. Não há fim para quem inicia novos caminhos.

Há no reino do amor apenas uma perda: a entrega. Mas, quando se entrega por amor, nada se perde, pois a dádiva do amor é tocar o outro sem esperar retribuição. Por isso, a entrega amorosa, na verdade, não significa perda alguma. A não ser que chamemos de amor alguma coisa que precisa ser recompensada, o

que já não seria mais amor.

Amar é, portanto, tocar além da medida. É andar com segurança sem precisar dizer que chegou. Amar é segredar ao outro o que mora no espaço da entrega. Amar é entregar o tesouro da alma, que não se mede, não se possui, apenas se dá, sem nada pedir em troca. Amar é sorrir com os lábios de Deus.

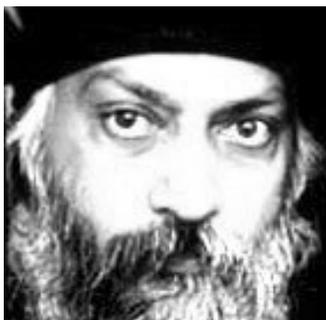
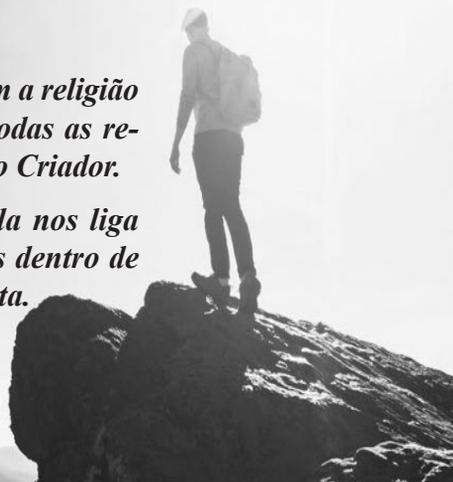
** Jorge Leão é Professor de Filosofia, MFC São Luiz – MFC*

Fe

A religião não é a religião formal nem a religião habitual, mas a religião subjacente a todas as religiões, que nos coloca face a face com o Criador.

A religião muda nossa natureza, Ela nos liga indissolavelmente à verdade que temos dentro de nós e que nos purifica de forma absoluta.

Mahatma Gandhi



O corpo não pode viver sem a respiração, e o espírito não pode viver sem o amor.

Osho



O prazer de compartilhar

Deonira L. Viganó La Rosa

Há famílias onde o ato de repartir se pratica com a mesma naturalidade que o ato de respirar. Com certeza, isto foi aprendido. Há pais que fazem questão de multiplicar esta herança da partilha entre seus filhos e amigos.

Tem toda razão o pe. Wresinski quando afirma:

“É ao redor da mesa familiar que o amor cria raízes”.

Há pessoas que podem dizer que estas palavras fazem parte da história de sua família. Houve sempre e ainda há uma dedicação consciente em fazer crescer o verdadeiro amor no coração da própria família, no coração dos filhos.

UMA FAMÍLIA CRÍTICA, ABERTA E GENEROSA

Joana é uma pessoa que reparte seus afetos e seus bens com muita facilidade. Ela conta ter ouvido este pequeno slogan sempre repetido por sua mãe ao redor da mesa: “É muito melhor quando repartimos”, dizia ela enquanto cortava e repartia uma maçã, uma laranja, uma salsicha que nossos olhos de criança cobriam comer inteiras.

É também da mesa da família que ela guarda a imagem de seu pai erguendo uma página do jornal da qual nos descrevia o conteúdo dizendo: “Coisas como estas, é pre-

ciso defender (ou refutar)”. Ele nos iniciava na habilidade de criticar e nos despertava um olhar aberto e generoso. Estou certa de haver herdado de meu pai este gosto por ler, analisar, aceitar ideias diferentes, respeitar a todos sem jamais humilhar ou desprezar pessoa.

Era ainda ao redor da mesa que eu ouvia minha tia, engajada no trabalho com famílias pobres, falando destas famílias, das crianças pobres que ela encontrava e para quem minha mãe recolhia roupas e material escolar. Com ela abri meus olhos, os ouvidos e as mãos sobre a realidade totalmente desconhecida para nós.

Minha tia Teresa estimulava as crianças a tricotar roupinhas de bebê para distribuir no Natal.

Crescer nesta família foi para mim uma bênção. Foi ali, neste tempo de criança, que aprendemos a viver juntos ao mesmo tempo na unidade e na diferença entre irmãos e irmãs.

Estes valores se aprendem naturalmente porque fazem parte da vida de família. Penso na responsabilidade: cada um devia assumir sua parte para o equilíbrio da família. Penso também na capacidade de acolher: havia sempre um lugar a mais ao redor da mesa familiar como no resto da casa.

Guardei no coração a memória viva destes gestos e essa maneira de ser de meus pais, de minha família. Minha vida estava impressa, selada.

UM PROJETO: FORMAR ATORES DE MUDANÇA

Criando as condições que tornam possível a partilha e a troca daquilo que vivem as crianças, todas as crianças, qualquer que seja sua vida, acompanhando-as em seus questionamentos, interrogações e esperanças, sustentando sua coragem, as crianças aprendem umas com as outras a agir no dia a dia, a interrogar seu entorno; elas se tornam autoras de engajamento e de mudança para que a amizade e a partilha prevaleçam sobre a miséria.

Vejamos como um grupo de crianças interpela o autor de um artigo de jornal:

“Nós não estamos de acordo

quando você pede às crianças que recolham seus brinquedos que já não servem para levar às crianças pobres no Natal. As crianças pobres são crianças como nós. Elas sonham com brinquedos novos, como nós ... Obrigado por fazer seu possível para que a festa de Natal seja a festa de todas as crianças ...”

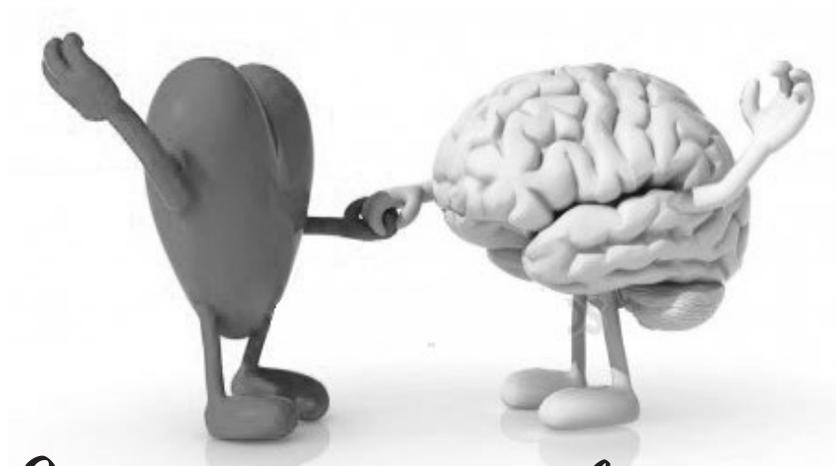
Resposta do jornal em questão : “Obrigado crianças, vocês nos ensinam a verdadeira generosidade, vocês nos lembram o que nós adultos temos esquecido. Suas contestações são justas. Faremos o necessário para modificar o pedido”.

O engajamento concreto vivido na infância, a abertura, a atenção aos mais fracos com certeza permanecerá agindo por toda a vida: na escola, vida profissional, vizinhança, amizade fiel que dura ...

ADULTOS TAMBÉM PODEM APRENDER E MUDAR

Se sua família não lhe passou experiências e exemplos de partilha, não desista. Aprenda a ter compaixão e misericórdia. Comece hoje mesmo e reparta o que lhe enche a alma: palavras boas, cuidado com doentes, idosos, necessitados. Reparta um lugar à mesa, uma roupa, comida, dinheiro. Faça uma visita ao hospital, à casa que acolhe idosos, leve abraço, palavra, mimos ... Isto resume o cristianismo. Esta será a matéria de nosso julgamento. Foi Jesus quem falou (Mt, 25).

Deonira L. Viganó La Rosa é Terapeuta de Casal e Família. Mestre em Psicologia.



O que a memória ama fica eterno

(Autor desconhecido)

“Quando eu era pequeno, não entendia o choro solto de minha mãe ao assistir a um filme, ouvir uma música ou ler um livro.

O que eu não sabia é que minha mãe não chorava pelas coisas visíveis.

Ela chorava pela eternidade que vivia dentro dela e que eu, na minha meninice, era incapaz de compreender.

O tempo passou e hoje me emocioo diante das mesmas coisas, tocada por pequenos milagres do cotidiano. É que a memória é contrária ao tempo.

Nós temos pressa, mas é preciso aprender que a memória obedece ao próprio compasso e traz de volta o que realmente importou, eternizando momentos.

Crianças têm o tempo a seu favor e a memória muito recente. Para elas, um filme é só uma animação;

uma música, só uma melodia. Ignoram o quanto a infância é impregnada de eternidade.

Diante do tempo envelhecemos, nossos filhos crescem, muita gente se despede. Porém, para a memória ainda somos jovens, atletas, amantes insaciáveis.

Nossos filhos são nossas crianças, os amigos estão perto, nossos pais ainda são nossos heróis.

A frase do título é de Adélia Prado: “O que a memória ama, fica eterno”. Quanto mais vivemos, mais eternidades criamos dentro da gente.

Quando nos damos conta, nossos baús secretos - porque a memória é dada a segredos - estão recheados daquilo que amamos, do que deixou saudade, do que doeu além da conta, do que permaneceu além do tempo.

Um dia você liga o rádio do carro e toca uma música qualquer, ninguém nota, mas aquela música já fez parte de você - foi a trilha sonora

de um amor, embalou os sonhos de uma época ou selou uma amizade verdadeira – e mesmo que os anos tenham se passado, alguma parte de você se perde no tempo e lembra alguém, um momento ou uma história.

Ao reencontrar Amigos da juventude, do Colégio ,nos esquecemos que somos adultos e voltamos a nos comportar como meninos cheios de inocência, amor e coragem.

Do mesmo modo, perto de nossos pais, seremos sempre “As Crianças”, não importa se já temos 30, 40 ou 50 anos.

Para eles, a lembrança da casa cheia, das brigas entre irmãos, das histórias contadas ao cair da noite... serão sempre recentes, pois têm vocação de eternidade.

Por isso é tão difícil despedir-se de Amor ou alguém especial que por algum motivo deixou de fazer parte de nossas vidas.

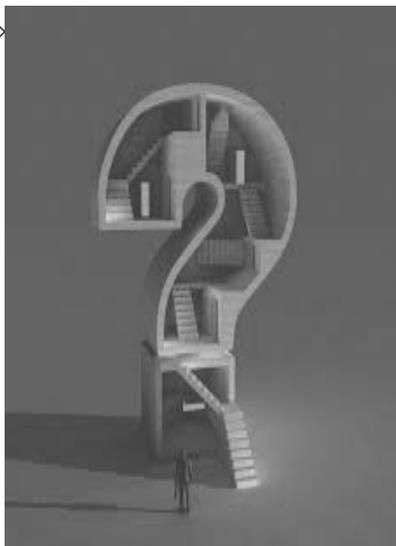
Dizem que o tempo cura tudo, mas talvez ele só tire a dor do centro das atenções. Ele acalma os sentidos, apara as arestas, coloca um band-aid na ferida.

Mas aquilo que amamos tem disposição para emergir das profundezas, romper os cadeados e assombrar de vez em quando.

Somos a soma de nossos afetos, e aquilo que nos tocou pode ser facilmente reativado por novos gatilhos – uma canção cala nossos sentidos; um cheiro nos paralisa lembrando alguém; um sabor nos remete à infância.

Assim também permanecemos memórias vivas na vida de nossos filhos, cônjuges, ex amores, amigos, irmãos.

E mesmo que o tempo nos leve daqui, seremos eternamente lembrados por aqueles que um dia nos amaram.”



Pode-se dizer que Deus é Amor. Mas, se aprofundarmos a busca dentro de nós mesmos, seremos levados a pensar que, acima de tudo, Deus é verdade: é, ao meu ver, sua descrição mais completa em linguagem humana. Finalmente, eu seria mesmo tentado a invertet os termos: é a verdade que é Deus - o que responde à denegação de Deus por parte dos ateus, estes apaixonados pela verdade

Mahatma Ghandi

Os nós e os laços



Tem muitos laços no matrimônio. Também tem muitos nós. Mais laços do que nós. Os nós por causa do grande NÓS que os dois EU criaram. Os laços são os mais flexíveis e é gostoso atá-los e desatá-los.

Deve ser por isso que o chamam enlace matrimonial. Atam, desatam e reatam, enlaçam, entrelaçam, re-laçam. Seu amor se nutre dessas relações. Relações sexuais, relações de afeto e ternura, relações de esperança, relações de carinho, relações de fé. Dão-se os corpos, palavras e olhares gostosos de sentir, e dão um ao outro a confiança plena: Não vivo sem seus laços. Não quero ser livre sem você. Liberdade sem você não seria liberdade.

Mas o matrimônio tem seus nós. Há que não se desata; assim como há colunas e vigas mestras nas quais não se mexe. Os laços respondem pela funcionalidade do lar. Os nós, pela solidez do edifício chamado família.

Por isso, há liberdade que não se toma e nem se tem. E há liberdade que se tem e que se dá. Nem precisa tomar. Se você não está se sentindo livre, ou se sente sufocado

demais, verifique os laços e os nós de sua relação. Se o outro reclama de falta de liberdade ou de ar, verifique seus nós e seus laços. Não estariam apertados demais? Inflexível demais? Ou é o outro, a outra pessoa, ou, ainda uma outra pessoa que interferiu nos laços? E aí? Vai dar um nó cego ou vai reestudar os nós e os laços?

Uma coisa é certa. Se seu casamento tem mais nós do que laços, está em crise. Se só aceita laços frouxos e nenhum nó está em crise. Sem os laços não há eu! Sem os nós, o eu jamais se transforma em nós.

Se vocês não sentem mais saudades um do outro, nem saudades das intimidades, das palavras e olhares, se tanto faz com tanto fez, seu enlace acabou em desenlace. Quando foi a última vez que vocês dois se olharam com cumplicidade? Que se tocaram com ternura? Quanto tempo faz que vocês dois não se elogiam e não se entrelaçam? Onde estão os laços desse enlace?...Sexo e casamento é ternura! Mais laços do que NÓS. Mais NÓS do que EU!

Pe. Zezinho SCJ

*Extraído do Boletim Sustentação
do MFC de Itaúna (MG)*

PROGRAMA NACIONAL DE FORMAÇÃO À DISTÂNCIA



Contribuição do Secretariado Estadual de Minas Gerais

mfc.livraria@gmail.com

TEMA 2: RELACIONAMENTO HUMANO

1º MÓDULO: NOSSO COMPORTAMENTO E SEUS EFEITOS NAS RELAÇÕES (Parte 1)

ORAÇÃO INICIAL

Vinde, Espírito Santo, enchei os corações de vossos fiéis e acendei neles o fogo de vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado, e renovareis a face da Terra.

Oremos: Deus, que instruístes os corações de vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito, e gozemos sempre de sua consolação. Por Cristo, Senhor nosso. Amém.

INTRODUÇÃO

Não raras vezes escutamos sobre a dificuldade que as famílias encontram para lidar com seus problemas e para conseguir desempenhar seu papel como educadora e formadora de novos cidadãos. Afinal, é nela que se espera acontecer o ponto de partida para a construção de um mundo mais humanizado, pacífico e solidário, de acordo com o plano de Deus.



Nunca é demais lembrarmos das importantes expressões do Papa João Paulo II, “O futuro da humanidade passa pela família. Só ela salva” e do Papa Francisco, “A família é importante, é necessária para a sobrevivência da humanidade”. Entretanto, mesmo aqueles que há muito participam de grupos ou equipes voltadas para a promoção de valores nas famílias pouco tempo dedicam às particularidades das relações familiares e sociais. Estas são, de modo geral, expressivamente afetadas por comportamentos/attitudes que interferem diretamente na produção de condições relacionais mais ou menos harmônicas.

As relações ambientais estão presentes na história de cada um praticamente na mesma graduação de importância da nossa própria existência. O humano depende do outro na mesma intensidade em que busca seu desenvolvimento.

A conhecida história dos porcos-espinhos friorentos nos oferece um simbolismo muito útil para entendermos melhor essa dependência do outro. Durante um inverno rigoroso, aqueles animais começaram a morrer de frio, pois não tinham abrigo apropriado para se protegerem. Começaram, então a se aproximar uns dos outros, buscando o aquecimento corporal que os protegesse e ajudasse a sobreviver. Só que não era fácil chegar muito perto sem sofrer a fucada de algum espinho... Machucava tanto que eles se afas-

taram, voltando assim, ao frio que congelava e matava. O que fazer? Situações radicais como essa não deixam muita dúvida: era preciso sobreviver, acima de tudo! Assim, começaram aos pouco a reaproximação uns dos outros – apesar dos espinhos e das feridas que causavam – e aprenderam a conviver com tais incômodos, que se tornavam pequenos diante do benefício que traziam. Dessa forma, aqueles animais sobreviveram machucados, é verdade, mas prontos para continuar a desfrutar do que tinham de mais importante: suas próprias vidas.

Em outras palavras, isso significa que somos seres relacionais, que precisamos uns dos outros para viver e que nossa própria realização é profundamente dependente de como fazemos acontecer essa interação com nossos semelhantes. Da Psicologia aprendemos que a qualidade do encontro pessoal com o outro é o elemento mais significativo para o sucesso das relações interpessoais.

Estudos demonstraram que as pessoas consideradas normais têm preocupações e problemas psicológicos, haja vista que o homem é essencialmente um ser inquieto e sua vida um esforço contínuo para resolver tais problemas. A grande maioria das questões que nos incomodam tem sua origem nas relações com as outras pessoas.

Vamos então começar nossa jornada pelo universo da reflexão

sobre o relacionamento humano perguntando a nós mesmos se estamos passando frio, se estamos muito espinhados e, principalmente, se andamos espetando muito aqueles que convivem conosco nos vários ambientes em que vivemos...

PARA REFLEXÃO E PARTILHA

a) Qual é a minha opinião sobre qualidade do relacionamento das pessoas hoje em dia?

b) Como eu próprio(a) vejo a qualidade do meu relacionamento com os outros?

NOSSO COMPORTAMENTO E SEUS EFEITOS NAS RELAÇÕES

Atualmente fala-se muito da agitação que tomou conta da vida de muita gente. São apressados, estressados, impacientes, intolerantes, enfim, um grande grupo de pessoas que vive correndo, como se estivesse “em cima da hora”. Todos nós temos justificativas, que variam desde as obrigações básicas do dia a dia como trabalhar, estudar, fazer as compras, descansar, ver televisão, até os compromissos familiares, aniversários, casamentos, visitas, enfim, um mundo de coisas que sugam o nosso tempo útil e compõem o cenário da falta de disponibilidade para tantos outros chamados que surgem. Assim, de repente, nos damos conta de que estamos cansados...

Até aí, vá lá, conseguimos nos incluir na condição que costumamos chamar de “normal”. Porém, quando a impaciência, a intole-

rância e outros efeitos do estresse começam a se refletir no contato com os outros, é hora de acender a luzinha amarela no trânsito das nossas atitudes.

Existem vários fatores que estragam a convivência das pessoas. Vamos tratar de alguns deles sem a pretensão de esgotar todas as possibilidades, mesmo porque não seríamos capazes de identificar os inúmeros elementos que afetam a realidade de cada um, de cada lar ou grupo de amigos.

Uma forma terrivelmente destruidora de relacionamentos é a dificuldade de ouvir o que nosso semelhante quer ou precisa nos dizer. Há mais de vinte séculos já se dizia que o bom educador é aquele que ensina a ouvir. Naturalmente não podemos considerar que apenas a iniciativa educacional seja suficiente para tal aprendizado. As predisposições intrínsecas de cada um, bem como o interesse e o esforço para se desenvolver são também fundamentais.

Imaginemos a seguinte situação: Os amigos José e João se encontram e João, agitado, fala sobre um assunto que o incomoda, expondo seu descontentamento e sua frustração e pergunta a José: “O que você acha?”. Antes que José conclua sua resposta, João o interrompe e fala mais um pouco, acrescentando, concordando ou discordando. Assim, sucessivamente, ele vai cansando seu amigo e o encontro dos dois termina sem que tenha havido troca de ideias...

O comportamento ansioso nos leva a pouco captar da narrativa da outra pessoa, por melhor que seja, para não perder a oportunidade de contar o nosso caso, a nossa opinião, a nossa história. Tornamo-nos pouco acústicos e preterimos/não fazemos ecoar em nós o conteúdo do outro. É curioso notar que não raras vezes agimos assim sem perceber, já que estamos tão habituados a priorizar nossa própria fala e, conseqüentemente, nossos pontos de vista e nossas experiências e convicções.

Em recente viagem (janeiro de 2015) ao Sri Lanka, disse o Papa Francisco: “Quando as pessoas se ouvem humildes e francamente umas às outras, pouco a pouco vão aparecendo mais visivelmente os valores e aspirações comuns”. O Papa aborda, de uma só vez, três aspectos essenciais do saber ouvir: a humildade, a franqueza e o produto dessa prática, a “partilha de interiores”, o diálogo, somente possível quando nos dispomos a ouvir o outro.

Esse princípio se aplica a todos os contatos que fazemos, desde um simples pedido/obtenção de informação na rua ou no supermercado até aqueles que praticamos com familiares, amigos, colegas de trabalho. Toda situação de diálogo envolve um processo de troca de conteúdos, um fluxo de ida e volta que enriquece as duas partes. Da mesma forma que conversar com uma

parede não faz sentido, já que não teremos resposta, o diálogo só faz sentido quando ambas as partes falam. Assim, ouvir, isto é, captar o conteúdo da fala do outro é condição essencial.

Os pré-requisitos para o sucesso dessa partilha não param por aí. Vejamos alguns exemplos:

- Dar atenção ao outro enquanto fala;
- Combater maus hábitos, como contradizer sempre; colocar suas próprias experiências sistematicamente, trazendo o foco para si próprio(a); falar simultaneamente a outros (inclusive em reuniões);
- Esforçar-se para controlar a ansiedade, muito comum nos tempos atuais, que, dentre outros efeitos, conduz à transformação do diálogo em uma espécie de competição com o outro para valorização de si mesmo;
- Desarmar-se antes da conversa;
- Falar em tom adequado, sem gritar.

PARA REFLEXÃO E PARTILHA

a) Dos vários fatores que contribuem para um diálogo bem-sucedido, o que mais importa para mim?

b) Já pedi a opinião de pessoas com quem convivo sobre como me comporto quando dialogo?

Quando começamos a refletir sobre nossas próprias atitudes na

relação com os outros, as interrogações crescem em nossos pensamentos. Desde a Antiguidade, a questão do autoconhecimento mostrava-se como um dos maiores desafios do humano em seu caminho para viver feliz: “Conhece-te a ti mesmo”.

Também a ciência e suas investigações podem ser vistas como veículos de autoconhecimento humano, tentativas de entendimento do que somos e de como somos. Portanto, o desejo de conhecer a si mesmo não é de hoje e nem foi inventado pela psicologia; suas raízes confundem-se com o próprio início da vida humana no planeta.

É importante salientar que o conhecimento sobre nós mesmos nunca é direto ou imediato. Esse conhecimento é alcançado por via indireta, por meio de nossas relações ambientais. Ora, não há forma melhor para aprendermos sobre nós mesmos do que nas relações com nossos semelhantes. “É necessário sair de nós mesmos para nos conhecer e conhecer os demais”. Isso equivale a dizer que, mesmo sabedores da importância de nos conhecermos, é preciso que estejamos interessados em fazer acontecer esse processo.

Talvez o principal benefício do autoconhecimento seja o fato de a pessoa poder entender-se melhor. Poderá, nesse aprendizado, descobrir que determinados comportamentos podem ser aprimora-

dos e, conseqüentemente, ajudar no relacionamento com as outras pessoas e na sua própria autorrealização.

PARA REFLEXÃO E PARTILHA

Com relação às minhas atitudes, como recebo os comentários que me são dirigidos? Entendo como contribuições para meu desenvolvimento?

REFERÊNCIAS BÍBLICAS:
Rm 7, 19 – Mt 22, 39 – Gl 5, 14-15
– Tg 1, 19

ORAÇÃO FINAL (sugestão)

Nós vos agradecemos, Deus Todo-Poderoso, por todos os benefícios que nos tendes concedido; a vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Amém.

Pai-Nosso – Ave-Maria

(Fontes de consulta: A relação interpessoal: o núcleo da orientação (Rogers, C. R.) – Psicologia das massas e análise do eu (Freud) – Como ouvir (Plutarco) – Relações Humanas (Bruni, L. J.) – Conhece-te a ti mesmo (Sciadini, P.) – A dança do universo (Gleiser, M.) – Compreender Ricoeur (Pellauer, D.) – <http://cnbb.org.br/eventos-1/assembleia-geral-1/14185-ano-da-paz-e-aprovado-por-unanimidade> - <http://www.cnbb.org.br/outros/dom-walmor-oliveira-de-azevedo/15423-ano-da-paz-novo-advento> - http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco_20150113_srilanka-filippine-benvenuto.html)

Equipe de Coordenação
do MFC – MG



PRECISAMOS FALAR SOBRE ARMAS

Ilona Szabó de Carvalho*

Sou frequentemente questionada sobre a minha posição em relação às armas. Nem sempre o tom é cordial. Mas quando o bom debate acontece, me dou conta do tamanho da desinformação e de como os mitos se sobrepuseram aos fatos em nossa sociedade. Começo neste espaço uma conversa sobre o tema, pois o assunto é sério demais para ser tratado como um dos temas preferidos da polarização. Afinal, o Brasil possui o maior número absoluto de mortes por armas de fogo no planeta --cerca de 44 mil em 2017, quase 73% do número total de homicídios, comparado a uma média global de 46%.

Sabemos que o custo de matar aqui é baixo. Menos de 10% das mortes violentas resultam em condenação. Adicionar mais armas em circulação em um país com alto nível de impunidade é uma receita para o desastre. Deveríamos, então, fortalecer e não tentar revogar a lei

de controle de armas 10.826/2003, conhecida como Estatuto do Desarmamento. Essa lei foi fruto de uma grande mobilização da sociedade civil, igrejas, estudiosos e contou com o apoio de meios de comunicação. Ela veio para aprimorar a regulação responsável de armas e munições em um país extremamente violento.

Ao contrário do que seu nome fantasia sugere e do que se diz por aí, o estatuto não desarma o cidadão. Hoje, um brasileiro maior de 25 anos pode possuir até seis armas em casa ou local de trabalho, desde que cumpra requisitos estabelecidos. No entanto, é importante que se entenda que possuir uma arma é um ato de grande responsabilidade. Armas são instrumentos de ataque e raramente de defesa, e aumentam o risco de acidentes, suicídios e assassinatos de parceiros íntimos em lares onde estão presentes. Se sua escolha é possuir uma, não subestime os riscos.

O estatuto, no entanto, proíbe o porte de armas para civis, isto é, cidadãos comuns não podem andar armados nas ruas. E isso faz todo sentido. A ideia de que armar civis torna as sociedades mais seguras é um mito. Estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em São Paulo mostra que o aumento de 1% de armas de fogo eleva em até 2% a taxa de homicídio. A evidência de países como os EUA, reforça o achado: os estados que têm leis de armas mais permissivas registraram aumentos acentuados em homicídios, roubos, assaltos domiciliares e acidentes envolvendo crianças. A maioria dos especialistas concorda com este ponto. Consulte o manifesto dos pesquisadores contra a revogação do Estatuto do Desarmamento, de setembro de 2016, onde há dezenas de fontes sérias sobre o assunto.

Um último esclarecimento importante é sobre o referendo de 2005, previsto no estatuto. Nele, a população decidiu que civis poderiam continuar a comprar armas no Brasil. E seu resultado foi respeita-

do, uma vez que a posse continua permitida no país. Caso a população tivesse decidido na outra direção, a posse para civis seria também inviabilizada.

O estatuto, mesmo que apenas parcialmente implementado, reduziu os homicídios em 12% entre 2004 e 2007. Sem ele, pelo menos mais 133 mil brasileiros teriam sido assassinados desde 2004 de acordo com o Mapa da Violência. Pelo dito acima e por tantos outros dados que não cabem nessa coluna, eu defendo a lei 10.826/2003 e trabalho pela sua implementação. Quero continuar essa conversa com todos, principalmente com os que discordam. Peço apenas que busquem antes os fatos.

Ilona Szabó de Carvalho é Cientista política fluminense, é mestre em Estudos de Conflito e Paz por Uppsala.

Transcrito da Folha de São Paulo

PARA DISCUSSÃO:

Em sua natureza mais profunda, as armas existem para matar ou defender a vida? Por que?

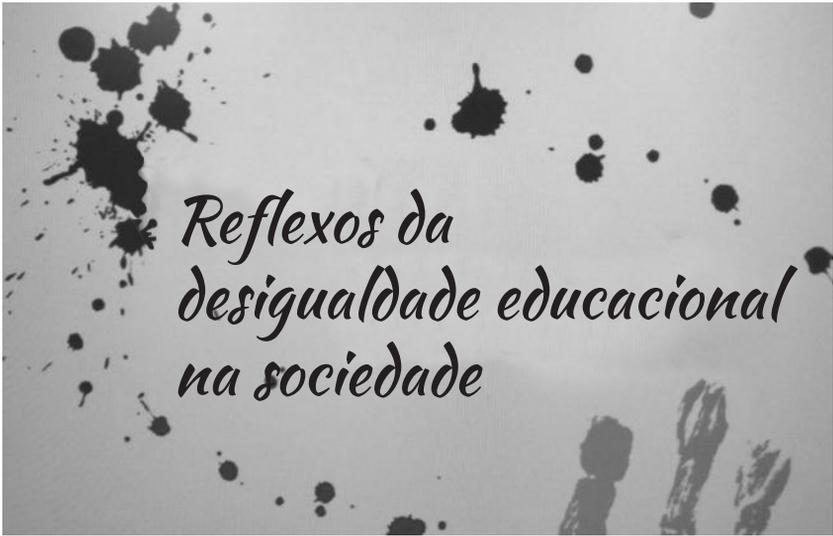


VERDADE

A questão da verdade é difícil. Resolvi-a por minha própria conta: é aquilo que a voz interior diz dentro de cada um de nós.

Cada um deve tomar consciência de seus limites antes de falar de sua voz interior.

Mahatma Ghandi



Reflexos da desigualdade educacional na sociedade

Maria Alice Setubal*

Nossa incapacidade de ofertar e garantir uma educação básica de qualidade para todos acarreta consequências graves não só para pessoas em maior situação de vulnerabilidade, mas para todo o conjunto da sociedade.

O Atlas da Violência, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, indica que o Brasil está entre os países mais violentos do mundo – foram 59.080 homicídios em 2015, taxa de 28,9 por 100 mil habitantes.

A pesquisa confirma também as diferentes faces de nossas desigualdades. De cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. Do total de óbitos causados por homicídios, 46,8% são cometidos contra jovens de 15 a 19 anos.

Pesquisa recente, realizada pelo sociólogo Marcos Rolim com jovens que cumpriam medidas socioeducativas no Rio Grande do Sul por atos considerados de maior violência, revela que a perda de vidas está diretamente conectada à falta de oportunidades educacionais e de inserção no mundo do trabalho.

Embora os perfis e as histórias de vida desses jovens sejam múltiplos, podemos destacar a recorrência de casos de vulnerabilidade e de abandono escolar entre eles – em muitos casos aos 11 e 12 anos.

É nessa idade, na transição do 5º para o 6º ano do ensino fundamental, que verificamos um dos gargalos de nossa educação.

Trata-se de um momento crucial: os estudantes deixam de ter um professor de referência e passam a uma multiplicidade de disciplinas, que muitas vezes não fazem sentido para eles.

Exemplo disso é o fato de a taxa de reprovação no 6º ano ser o dobro da do 5º ano, chegando a mais de 14%, o que representa quase meio milhão de estudantes retidos. Ainda que mais crianças, adolescentes e jovens estejam na escola, o avanço no aprendizado tem se dado de maneira muito desigual.

Ao analisar a evolução dos resultados do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), entre 2005 e 2015, o professor José Francisco Soares demonstra que, embora as médias das escolas tenham avançado, o quintil mais pobre da população permaneceu no mesmo estágio.

No ensino médio, a situação é ainda mais alarmante. A reprovação no 1º ano chega a 16,6%, e o abandono, a 8,8% - mais de 800 mil estudantes, em números absolutos. É preciso lembrar que mais de 15% da população de 15 a 17 anos está fora da escola. E os que lá estão não aprendem.

Frente a esse grande desafio, algumas políticas já poderiam estar amplamente disseminadas, como a adoção de professores coordenadores para atuar ao lado dos professores de disciplinas específicas e uma maior abertura da escola para ao diálogo com pais e a políticas de correção de fluxo e reforço.

É urgente avançar na construção de projetos que levem em conta valores caros aos adolescentes e jovens, como a valorização do grupo,

a autonomia, a autoria e o desenvolvimento de atividades que permitam a eles se sentirem pertencentes ao colégio.

Nosso papel como sociedade é acompanhar de perto como as políticas são implementadas em cada localidade e cobrar para que sejam oferecidas as condições necessárias de ensino e aprendizagem. Isso requer reivindicar o cumprimento dos planos de educação.

Em âmbito nacional, a regulamentação do regime de colaboração e a própria construção do Sistema Nacional de Educação, ambas previstas no Plano Nacional de Educação, que acaba de completar três anos, precisam sair do papel.

Num momento em que o país está perdendo seus jovens, é imperativo que as políticas educacionais cumpram seu papel.

Como aponta estudo do Cenpec (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária), quanto maior a situação de vulnerabilidade dos jovens, mais eles dependem da escola para definir seu destino, pois não possuem outros recursos econômicos, sociais ou culturais para mitigar uma trajetória de fracasso escolar.

MARIA ALICE SETUBAL, a Neca, doutora em psicologia da educação pela PUC-SP, é presidente dos conselhos do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária - Cenpec e da Fundação Tide Setubal. Foi assessora de Marina Silva, candidata à Presidência em 2014
Transcrito da Folha de São Paulo



Jesus é o mestre do Amor. Descomplicou: ame! ame! ame! Sem medida. Sem proporção. Sem limite. Apenas ame. Também ensinou: se você quer o Amor, ensine a Amar! Vá pelas ruas, ruelas, escadas, escadões, estradas de chão batizando em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando o Amor sem distinção de crenças, valores, etnias, riqueza, pobreza, diplomas...

O Batismo é obra de Amor! É a habilitação do que crê no Amor para vivência plena em comunidade. Comunidade sim, pois não é possível viver o Amor enclausurado, fechado em si mesmo. É preciso sair pelas estradas da vida amando e sendo amado. Ide! É a aceitação do Reino de Deus e suas consequências.

Amar é arregaçar as mangas, cingir os rins, vestir a camisa, pau para toda obra! Leigo atuante! Disposto e com alegria. Não é possível ser leigo sem abraçar o ensinamento de Jesus: amou e amou até o fim, entregou-se a Si mesmo por Amor!

Amor é entusiasmo! Alegria! Fonte de oração constante! Fonte de serviço sem ativismo. É a fé viva que vem do fundamento da esperança e a certeza de crer sem ver. Trabalho

que provém das virtudes teológicas e a elas abraça intensamente novos céus, nova terra, novo tempo. Não é o fazer por fazer porque precisa ser feito ou porque tenho capacidade de fazer. É diferente: fazer pelo Amor é ser leigo atuante na oração, no contato íntimo com Deus na esperança de um mundo melhor, mais justo e igualitário de oportunidades ao alcance de todos. É estar atento ao chamado divino e aos anseios dos irmãos.

O Amor não é prisioneiro do ritualismo mas é transformador dos corações que se dizem aprendizes. É mestre de uma nova ordem onde o leigo é ciente da sua missão. Agente ativo na Igreja, vendo, julgando e agindo.

Mefecista, como tem sido a sua relação com Jesus e o Movimento Familiar Cristão? Você é ativista? Provocador? Questionador? Ouvinte? É bom lembrar: é preciso nascer do alto... Nascer do Espírito da Sabedoria, da Verdade, do Amor. Sair do fazer por fazer, mas do fazer para uma Família Nova renovada nas águas do Espírito Santo. Assuma seu lugar de leigo no Movimento Familiar Cristão com determinação!

*Ronaldo Carnevale – Membro do
MFC de Juiz de Fora e do Conselho
Editorial de Fato & Razão*



TEOLOGIA: A REFORMA CONSTANTE E NECESSÁRIA

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Para celebrar os 500 anos da Reforma, um marco na história do Cristianismo, reuniu-se em Belo Horizonte a Sociedade Brasileira de Teologia e Ciências da Religião (Soter). O objetivo era discutir não apenas o evento que inaugurou o Protestantismo, como também a pluralidade religiosa que hoje é uma realidade sempre mais presente em todo e qualquer intento de pensar a fé com rigor e autenticidade.

Há cinco séculos, Martinho Lutero, monge agostiniano, entendeu que a Igreja necessitava de uma reforma. E, assim, iniciou um movimento cuja carta magna foram as 95 teses que pregou na porta da igreja do Castelo de Wittenberg. Tratava-se de um protesto contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica Romana.

O diálogo de Lutero com o Vaticano não evoluiu bem e houve realmente uma separação. Lutero recebeu apoio dos príncipes alemães. Roma endureceu e preparou a Contrarreforma. Nela tiveram destacado papel os jesuítas que no Concílio de Trento foram protagonistas na preparação do Catecismo Tridentino que especificava bem a identidade do Catolicismo Romano contra o Cristianismo Reformado.

Correu tempo, sangue, suor e lágrimas, enquanto os cristãos lutavam uns contra outros, cada lado clamando possuir a verdade e tratando de combater e/ou eliminar o erro e o engano do outro. As acusações mútuas variavam da idolatria à heresia. Todos perdiam e ninguém ganhava.

O Concílio Vaticano II proclamou oficialmente a necessidade imperiosa do ecumenismo, ou seja, de que todas as confissões cristãs se conscientizassem do fato de habitar a mesma casa, crer no mesmo Deus e buscar Seu Reino proclamando o mesmo Evangelho. Era preciso fazer passos efetivos em prol da unidade.

Hoje é possível e efetivo que católicos e protestantes de várias denominações se sentem juntos para dialogar em um congresso de três dias inteiros. Mais: não se defendem de acusações nem esgrimem diferenças. Fazem autocrítica, pedem perdão, buscam pontos de convergência e não de dissensão.

Juntos, olham mais longe e percebem o quanto receberam um do outro. Os católicos devem muito aos protestantes a devolução da Bíblia em suas mãos. Os protestantes, por sua vez, aprendem de seus irmãos católicos, entre outras coisas, o amor pelo precioso dom da unidade, que é preciso proteger e estimular de todo coração.

Olhando em volta, percebem quanto o movimento iniciado por Lutero deu frutos e gerou herdeiros. As religiões que hoje, em imensa diversidade, se tornam interlocutoras próximas do Cristianismo histórico, enriquecem o pensar teológico ao mesmo tempo em que o desafiam.

Foi bonito ver no Congresso um eminente teólogo luterano fazendo um resgate histórico do luteranismo

sem deixar de apontar suas lacunas e falhas: intolerância com outras tradições religiosas, rigidez e não aceitação de diferenças de pensamento, fechamento ao diálogo.

Ao mesmo tempo representantes de outras religiões sentiam-se à vontade para expor sua experiência de diálogo com o cristianismo católico ou reformado. Todos eram ouvidos com respeito e sentiam sua contribuição valorizada.

Não poderia faltar a marca sempre positiva e bela da pessoa do Papa Francisco, que com seu pontificado enche a Igreja e o mundo de esperança de tempos de abertura e diálogo. Sua presença em Lund, na Suécia, para uma oração ecumênica com pastores e autoridades do mundo protestante; suas atitudes ecumênicas e abertas ao longo de todo o seu pontificado permitem esperar avanços ainda maiores no caminho do ecumenismo.

A liberdade que o atual pontífice cultiva e exprime desde os tempos de Buenos Aires como arcebispo, reafirma-se e ganha força ainda maior como chefe da Igreja Católica. É conhecida sua proximidade com o judaísmo e o Islã em sua Argentina Natal. Em Roma tem dado prosseguimento a essa proximidade, estendendo-a igualmente a outras religiões não cristãs e não monoteístas.

Não é possível fazer teologia hoje sem um diálogo aberto, profundo e respeitoso com outras confissões cristãs e outras tradições religiosas. Por isso, o congresso anual da Soter,

que celebrava os 500 anos da Reforma, terminou com uma nota de esperança. Indo além de todos os passos que já foram dados, por que não esperar, desejar e mesmo buscar gestos simbólicos que marquem com força a unidade que já não tem possibilidades de retrocesso?

Entre essas possibilidades inspiradas pelo Espírito estaria talvez um pedido para que se levantasse a excomunhão de Lutero, datada de 500 anos. E outros passos criativos e corajosos que se apresentem pelo

caminho. Assim, a unidade será multicor e polivalente, mas será, sempre mais autêntica e verdadeiramente unidade. E a Igreja que quer e deseja isto será, como é desejo do Papa Francisco, “ecclesia semper reformanda”.

Maria Clara Lucchetti Bingemer é Teóloga, professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Autora de “O mistério e o mundo – Paixão por Deus em tempo de descrença”, Ed. Rocco, entre outros livros.

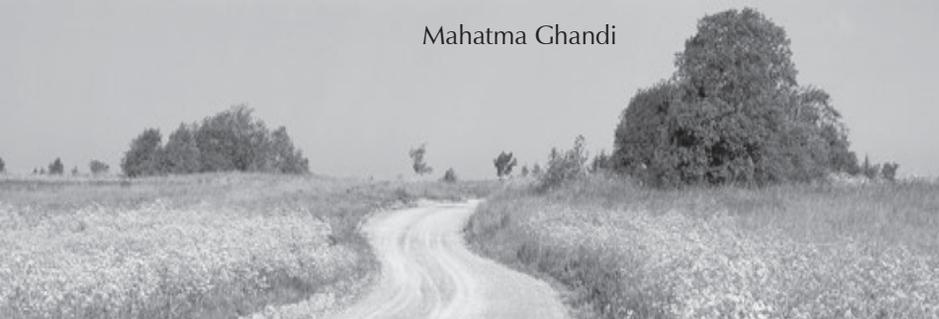
Transcrito do Boletim Rede

A verdade

As busca da verdade implica o sofrimento; às vezes, a morte. Nessa busca desinteressada, ninguém pode ser eternamente perdedor. Se erramos o caminho, alguma coisa acaba sempre por nos reconduzir à boa via.

O caminho da verdade, como o da não-violência, é estreito mas reto. E como manter-se em equilíbrio sobre o fio de uma espada. Concentrando-se, um acrobata pode andar sobre uma corda esticada. Mas a concentração requerida para avançar sobre o caminho da verdade é ainda bem maior. A menor falta de atenção pode provocar a queda. Não se conquista a verdade senão por meio de esforços constantes.

Mahatma Ghandi





Um novo Congresso

Provavelmente você faz parte da gigantesca maioria da população brasileira que se envergonha do atual Congresso Nacional.

Não é para menos: nossos deputados federais e senadores deveriam legislar e fiscalizar o Executivo tendo como horizonte um Brasil justo, igualitário e democrático; uma sociedade pacífica, solidária e em aliança com a natureza; uma economia

voltada para o atendimento das necessidades humanas e para a redução das desigualdades.

Deveriam colaborar para que tenhamos uma administração avessa à corrupção, políticas públicas visando elevar os níveis de vida e de participação da população mais marginalizada e discriminada.

No entanto, assistimos a um Congresso Nacional dominado por bancadas que defendem interesses contrários aos da maioria do povo brasileiro e que não representa essa maioria: os pobres, os negros, as

mulheres, os jovens, os indígenas e as minorias discriminadas.

Para cada grande decisão os congressistas chantageiam o governo, legislam em causa própria e desviam para esse fim os recursos públicos dos quais depende o atendimento das necessidades sociais.

Na atual legislatura, 238 parlamentares respondem a algum procedimento investigatório no Supremo Tribunal Federal.

Como resultado, somos os campeões mundiais das desigualdades sociais: 5% da população se apropria de 95% da renda e 10% das pessoas possuem 74% da riqueza.

Outros dados aterradoros: os 9% mais ricos se apropriam de 70% dos recursos públicos; temos a terceira maior população carcerária do mundo e a maior taxa de assassinatos; em nosso sistema tributário os pobres pagam proporcionalmente mais impostos que os ricos.

Em geral, nossos serviços públicos, como educação e saúde, são de

péssima qualidade. Não é por acaso que as pessoas de maior renda pagam por serviços privados.

Diante deste quadro, um grupo de organizações, lideranças e militantes da sociedade civil resolveu lançar uma campanha para requalificar o Congresso Nacional.

Uma proposta totalmente partidária que busca conscientizar a sociedade a respeito da importância do Congresso e do voto consciente para o futuro do país.

É fundamental que cada eleitor procure pesquisar o currículo e as ideias dos candidatos, procure saber como atuaram os políticos que buscam a reeleição, quem de fato honrou nosso voto ou quem nunca mais o merecerá novamente.

Vários movimentos criados nos últimos anos estimulam novas lideranças a disputar as próximas eleições legislativas. Os novos candidatos e os candidatos à reeleição comprometidos com a ética, a justiça social e a sustentabilidade pre-

cisam do apoio dos eleitores. Eles poderão formar o novo Congresso.

Nenhum dos atuais deputados federais foi enfiado goela abaixo de nenhum de nós. O Congresso é resultado de nossas escolhas.

Nas eleições deste ano nosso voto pode mudar praticamente tudo. Se é importante eleger para a Presidência da República alguém comprometido com a justiça social e a democracia, é fundamental eleger congressistas que também representem esses valores.

Sem um Congresso digno, o futuro presidente ficará à mercê das mesmas barganhas a que assistimos hoje. Pelo voto poderemos construir um novo Congresso.

ANA MOSER é presidente do Instituto Esporte & Educação e diretora da Atletas pelo Brasil. CAIO MAGRI é sociólogo e presidente do Instituto Ethos. ODED GRAJEW é presidente do Conselho Deliberativo da Oxfam Brasil e conselheiro da Rede Nossa São Paulo e Programa Cidades Sustentáveis

A VERDADE

Com toda humildade, pode-se afirmar que a verdade não teria como ser descoberta por alguém que não possuísse um senso desenvolvido da humildade. E porque atualmente pretende-se o direito de ouvir a própria voz da consciência, sem se impor qualquer disciplina, que tantas mentiras são proferidas e que tanta confusão reina em nosso mundo.

Deus não aparece a todos sob diferentes aspectos? Todavia, sabemos que Ele é único. A verdade é a designação mais acertada de Deus. Cada pessoa pode, portanto, conceber e seguir sua verdade. É o dever de cada um.

Mahatma Ghandi



Deliberada banalização da Vida



Oscar Vilhena Vieira*

O Estado brasileiro tem investido de forma persistente no crescimento da criminalidade. Os resultados estão aí. Foram mais de 1 milhão de homicídios nos últimos 20 anos. De um patamar de 40 mil homicídios por ano, em meados da década de noventa, chegamos a 61.619 homicídios no ano passado, em sua maioria de jovens pobres e negros (Ipea/FBSP).

A violência, como se sabe, é um fenômeno multicausal. Desigualdade, demografia, urbanização, drogas, bebidas alcoólicas, disponibilidade de armas de fogo, escolarização e até a iluminação das ruas afetam as taxas da criminalidade violenta. Temos problemas em todos esses fronts, que reclamam políticas públicas específicas e integradas. O mais preocupante, porém, é que nosso sistema criminal, ao invés de contribuir para a contenção do crime, tem desempenhado a função de mola propulsora da violência.

O sistema criminal é composto por leis, polícias, Ministério Público, Justiça e desemboca, com todas as suas deficiências, no sistema prisional. Como as primeiras instituições e a legislação não são capazes de discriminar eficientemente entre os que precisam ser e os que não deveriam ser encarcerados, temos assistido a um crescimento vertiginoso e desordenado da população carcerária. O Brasil passou a ter, em 2017, a terceira maior população carcerária do mundo. São 727 mil presos, para 368 mil vagas (Infopen). Perde apenas para Estados Unidos e China.

Além da superlotação, muitas são as mazelas. 40% dos presos são provisórios. Menos de 15% tem atividade laboral. A maioria são jovens, negros e de baixa escolaridade. As Condições Carcerárias são cruéis e degradantes.

O custo médio por preso é de R\$ 2.400 por mês, conforme dados do Conselho Nacional de Justiça. A reincidência, quando mensura-

da a partir de nova condenação, é de 24%. A reincidência em sentido amplo muito mais alta. Distintas pesquisas apontam que entre 50% e 70% das pessoas que passaram pelo sistema voltam a delinquir.

Mas o desastre não para aí. Estima-se que mais de 75% do sistema prisional esteja sob o controle de facções criminosas. Isso significa que o Estado age como sócio do crime organizado. Recruta anualmente centenas de milhares de jovens, muitos deles de baixa periculosidade, e os entrega as facções, dentro dos presídios. É a mais perversa “parceria público-privada” que se tem notícia. Não poderia haver um investimento público mais contraproducente.

A interrupção desse ciclo vicioso é urgente e deveria transcender barreiras ideológicas. O sistema só beneficia o crime organizado e os gigolôs da violência, que exploram o medo da população, vendendo falsas soluções que apenas agravarão o problema, como a redução da idade penal.

Não importa se por imperativo moral ou por ato de mera prudência, o sistema de Justiça criminal precisa ser drasticamente reformado, racionalizado, profissionalizado e modernizado. A degradação das condições de segurança no Rio de Janeiro, Sergipe, Alagoas, Maranhão, Rio Grande do Norte ou do Sul, dão o testemunho dessa exigência. Os candidatos aos governos estaduais e a Presidência têm que apresentar propostas claras e robustas para interromper esse processo de banalização da vida impulsionado pelo atual sistema criminal. Não há mais espaço para omissões ou bravatas.

• Oscar Vilhena Vieira é Doutor em Direito pela USP e pós doutor pela Universidade de Oxford

Transcrito da Folha de São Paulo

PARA REFLEXÃO:

Qual deve ser o comportamento de cidadania em relação a esta tendência?



“Tudo tentar e tudo impelir até o extremo na direção da maior consciência - eis a lei geral e suprema da moralidade num Universo reconhecido em estado de transformação espiritual. Limitar a Força (Energia e Amor) - a menos que seja para assim obter mais força ainda, eis o pecado.”

Teilhard de Chardin



“Os que merecem morrer”

Daniela Arbex*

Me recusei a continuar lendo os comentários na internet sobre o assassinato da vereadora do Psol Marielle Franco. Instantes depois de a morte dela e do motorista Anderson Gomes terem sido anunciadas na TV, após uma execução a tiros no Rio de Janeiro, começou a circular nas redes sociais frases do tipo: “Quero ver agora como essa militante dos direitos humanos vai continuar defendendo bandidos... kkkkk”. São mensagens de sarcasmo tão brutais quanto a voluntária incapacidade de enxergar que a luta contra violações de direitos humanos é em defesa de nós mesmoad sociedade e da democracia.

De que bandidos os comentaristas de plantão, sabedores de tudo, disseminadores do ódio estão falando? Dos moradores do Complexo de Favelas da Maré, no Rio, onde Marielle nasceu, cresceu, tornando-se

porta-voz dos socialmente mudos? De uma população negra e pobre que é cotidianamente criminalizada e ignorada pelos poderes públicos que governam para um país cenográfico? De mulheres cuja liderança é alvo de ataques de violência porque ousam desafiar o status quo de uma sociedade machista, que cultua a intolerância e a barbárie em meio a seus discursos moralistas?

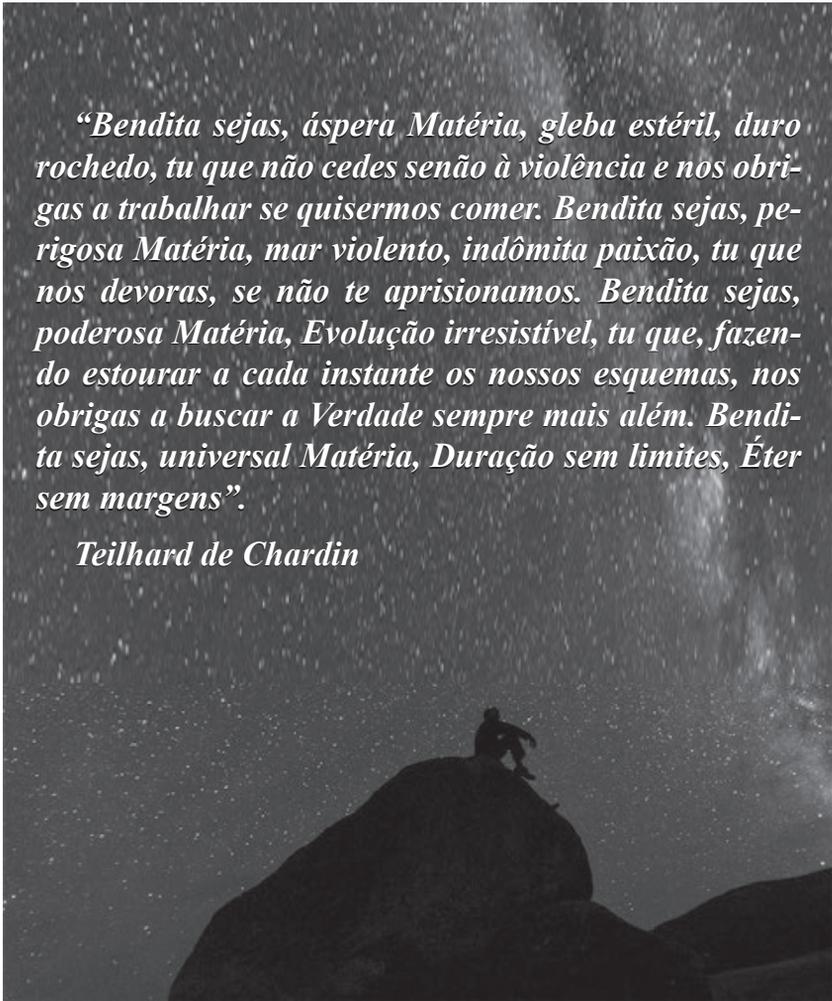
Independentemente de sua cor, crença, orientação sexual e do que Marielle escolheu ser, ela é reconhecidamente uma pessoa que lutou pelo direito de estudar e foi capaz de colocar seu conhecimento e energia em favor de brasileiros obrigados a sobreviver à indiferença e ao abandono do estado. A execução dela lança luz sobre o assassinato de outros 24 líderes comunitários do país silenciados em menos de quatro anos. E tão assustador quanto assistir ao extermínio cotidiano dessas vozes é perceber que

uma imensa parcela da população se compraz com a morte de todos aqueles que pensam diferente. Gente que torce pelo domínio da força, que aceita que os fins justifiquem os meios. Que prega a paz e o amor entre os seus, mas vibra com o massacre daqueles que julgam “merecer morrer”, ignorando que a vida é o bem maior.

A morte de Marielle não pode se tornar um mero debate de ideias e opiniões sobre a esquerda e a direita brasileiras. Ao banalizar a existência e abrir mão da empatia diante da dor do outro, matamos o humano em nós.

• Daniela Arbex é Repórter

Transcrito da Tribuna de Minas



“Bendita sejas, áspera Matéria, gleba estéril, duro rochedo, tu que não cedes senão à violência e nos obrigas a trabalhar se quisermos comer. Bendita sejas, perigosa Matéria, mar violento, indômita paixão, tu que nos devoras, se não te aprisionamos. Bendita sejas, poderosa Matéria, Evolução irresistível, tu que, fazendo estourar a cada instante os nossos esquemas, nos obrigas a buscar a Verdade sempre mais além. Bendita sejas, universal Matéria, Duração sem limites, Éter sem margens”.

Teilhard de Chardin